The image shows the front facade of a Gothic cathedral, likely the Cathedral of Coimbra in Portugal. It features two prominent towers with domes and spires, a central rose window, and a large arched entrance. The facade is highly detailed with Gothic architectural elements like pointed arches and flying buttresses. The text is overlaid on the upper portion of the image.

**As Duas Babilónias**

**E**

***O Povo Santo***

**F. T. Wright**

“E vós me sereis reino sacerdotal e povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.” *Êxodo* 19:6, (Almeida Revista Corrigida 1995).

A compilação deste estudo foi produzida para responder a algumas perguntas sobre as comemorações natalícias colocadas ao tradutor a propósito do tempo de Natal.

Recomenda-se a leitura de *O Lar Adventista*, 477, para um entendimento de como o Espírito de Profecia se refere a este tema.



Textos originais publicados por:

---

The Sabbath Rest Advent Church, Waldstraße 37, D-57520 Dickendorf, Alemanha

A tradução dos textos publicados neste folheto foi recolhida do original em inglês das seguintes obras e textos do mesmo autor.

<b>Capítulo 1: O Caminho da Cruz</b>	<b>4</b>
F. T. Wright - <i>Behold Your God.</i>	
<b>Capítulo 20: The Way Of The Cross</b>	
<b>Eis Aqui O Vosso Deus</b>	
<b>Capítulo 2: Os Dois Israel</b>	<b>17</b>
F. T. Wright - <i>Daniel and the Revelation</i>	
“The Messenger and News Review”, Agosto de 1994	
<b>Part 1, Chapter 10: The Two Israels</b>	
<b>Capítulo 3: As Duas Babilónias</b>	<b>25</b>
F. T. Wright - <i>Daniel and the Revelation</i>	
“The Messenger and News Review”, Setembro de 1994	
<b>Part 1, Chapter 11: The Two Babylons</b>	
<b>Daniel e Apocalipse</b>	
<b>Capítulo 4: A Presença Interior do Espírito Santo</b>	<b>32</b>
F.T. Wright - <i>God's Way in the Sanctuary</i>	
“The Messenger and News Review”, Junho 1983)	
<b>Chapter 38: The Indwelling Holy Spirit</b>	
<b>O Caminho de Deus no Santuário</b>	
<b>Capítulo 5: O Simbolismo de Certos Números na Bíblia</b>	<b>38</b>
F.T. Wright - <i>Pray for the Latter Rain</i>	
“The Messenger and News Review”, Setembro 1990	
<b>Part 58, Gospel Order Part 26</b>	
<b>Orai Por Chuva Serôdia</b>	

Os textos da Bíblia, quando não mencionados, foram citados da versão *Almeida Revista Corrigida*, 1995.

# Capítulo 1

## O Caminho da Cruz

---

O testemunho da cruz não se limita a provar que Deus não destrói os que rejeitam a Sua misericórdia. Não ver nada mais no testemunho do Calvário do que isso é ficar em desvantagem com uma visão desequilibrada da sua maravilhosa luz.

As revelações do carácter de Deus e dos propósitos tal como dados na cruz são infinitos no seu âmbito. Eles são inesgotáveis. São tão completamente ilimitados que é impossível chegar alguma vez ao lugar onde se encontra o limite ou o seu fim. No Céu, quando tivermos passado um milhão de anos investigando esta revelação do carácter de Deus, haverá ainda uma infinidade para além disto. Quando alguém tenta meditar sobre o conhecimento que será acumulado por cem milhões de anos de estudo concentrado e ainda deixa uma infinidade para aprender, fica imediatamente a saber quão pouco foi aprendido pela humanidade sobre o amor e carácter de Deus.

Quanto menos tivermos aprendido a respeito deste assunto hoje, mais difícil será compreender a verdade acerca disto. Para alguns pode mesmo parecer uma pesquisa desencorajadora quando de facto, devia ser muito tranquilizador, pois se devêssemos chegar ao lugar em que não houvesse nada mais para aprender, alcançar, ou realizar, então a alegria do Céu morreria. Portanto, é animador saber que tal situação nunca será alcançada pela mente finita. A eternidade nunca esgotará a beleza, o poder e a maravilha do carácter de Deus e, sempre que aprendemos novas maravilhas da sabedoria da revelação desse carácter, mais maravilhosa será a alegria e satisfação que encherá todas as almas.

“Nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo. O maravilhoso desígnio de graça do Senhor, o mistério do amor que redime, é o tema para que ‘os anjos desejam bem atentar’, e será seu estudo através dos *séculos sem fim*. Mas os seres remidos e os não caídos encontrarão na cruz de Cristo sua ciência e seu cântico.” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 19, 20.

“Todo o amor paternal que veio de geração em geração através do coração humano, toda fonte de ternura que se abriu na alma do homem, não passam de ténue riacho em comparação com o ilimitado oceano, quando postos ao lado do infinito, inexaurível amor de Deus. A língua não o pode exprimir, nem a pena é capaz de o descrever. Podeis meditar nele todos os dias de vossa vida; podeis esquadrihar diligentemente as Escrituras a fim de compreendê-lo; podeis concitar toda faculdade e poder a vós concedidos por Deus, no esforço de compreender o amor e a compaixão do Pai celeste; e todavia existe ainda um infinito para além. Podeis estudar por séculos esse amor; não obstante jamais podereis compreender plenamente a extensão e a largura, a profundidade e a altura do amor de Deus em dar Seu Filho para morrer pelo mundo. A própria eternidade nunca poderá bem revelar. No entanto, ao estudarmos a Bíblia e meditarmos sobre a vida de Cristo e o plano da redenção, esses grandes temas se desdobrarão mais e mais ao nosso entendimento. E pertencer-nos-á a bênção que Paulo desejava à igreja de Éfeso ao orar ‘que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em Seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos; e qual a *sobre-excelente grandeza* do Seu poder sobre nós, os que cremos.’ Efésios 1:17-19.” *Testimomies* 5:740, *Testemunhos Selectos* 2:337.

O ponto central de toda a glória é a cruz de Cristo.

A contemplação da glória dessa revelação transformar-nos-á à mesma imagem de glória em glória como está escrito: “Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.” *2 Coríntios* 3:18.

Este é o caminho para ficar semelhante a Cristo. Não é pela ameaça de punição ou pela oferta de riquezas eternas que a pessoa é motivada para desenvolver a sua aptidão para o Céu. É pelo devotar da vida ao estudo intensivo do maravilhoso carácter de Deus em resposta ao cativante poder do infinito amor que a pessoa é transformada à própria igualdade com Deus. Se a totalidade das implicações desta verdade pudessem ser avaliadas como deviam, haveria tal estudo intensivo do sacrifício de Cristo como este mundo nunca viu. Paulo apreciou isto de tal maneira que disse, “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado.” *1 Coríntios* 2:2.

Paulo não negou que tinha pregado a doutrina, a profecia ou a lei. O estudo das suas epístolas prova que ele de facto apresentou estes assuntos. Mas, a sua declaração destes temas foi sempre e só como eles se apresentavam à luz que brilhava da cruz. Ele viu correctamente que cada palavra da Escritura era a revelação de Jesus Cristo, cuja melhor manifestação se centra na cruz. Foi assim de tal maneira que, ao pregar a doutrina, a profecia e a lei, era apenas a pregação entre eles de, “Jesus Cristo, e Este crucificado.”

Nisto, ele estabeleceu o exemplo para todos os pregadores de todos os tempos. A única obra verdadeiramente eficaz do evangelho é aquela que faz da cruz o centro de todos os discursos. A missão dada a Paulo é a mesma que foi dada a todos os filhos de Deus. Não somos enviados para debater, ou para espalhar dissertações neste ou naquele assunto bíblico. Devemos pregar o evangelho de Jesus Cristo e o seu grande ponto central, a cruz. Paulo afirmou a verdade sobre isto para si mesmo e para nós nestas palavras: “Porque Cristo enviou-me, não para baptizar, *mas para evangelizar*; não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo se não faça vã.” *1 Coríntios* 1:17.

Quando o Senhor deteve o insensato caminho de destruição de Paulo e o enviou como missionário aos gentios, deu-lhe a específica missão de *pregar o evangelho da cruz*, mas ao fazê-lo Deus apenas reiterou a grande missão. Antes de deixar a Terra, Cristo juntou os Seus amados seguidores à Sua volta e traçou solenemente a missão deles. “Ide por todo o mundo,” ordenou-lhes, “*pregai o evangelho* a toda a criatura.” *Marcos* 16:15.

Paulo foi no mais exacto sentido, fiel ao seu chamado. Quando se aproximou o tempo para a sua execução, ele disse com convicção sob a inspiração do Espírito da Verdade.

“Porque eu já estou sendo oferecido por aspensão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

“Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda.” *2 Timóteo* 4:6-8.

Para a realização fiel da sua missão, Paulo teve que saber precisamente o que era na realidade o evangelho. O arqui-enganador estava nessa altura tão atento como hoje. Nesta era da conclusão da história humana ele tem a sua versão falsificada do ensino da cruz sendo vigorosamente defendido pelas organizações religiosas sob seu controle. Também as tinha no tempo de Paulo. Iluminado pelo ministério do Espírito, o apóstolo inspirado foi capaz de detectar o engano, enquanto compreendia a sabedoria e o poder residentes no verdadeiro evangelho da genuína cruz. Assim ele era competente para apresentar a cruz salvadora distintamente da falsa versão.

Portanto, quando fez a afirmação que “... a palavra *da cruz* é *loucura* para os que perecem; mas para nós os que somos salvos é o poder de Deus.” *1 Coríntios* 1:18, esperou que se compreendesse que a cruz acerca da qual estava a falar não era a cruz conhecida e defendida pelos gentios, mas a apresentada na vida e morte de Cristo. Os princípios incluídos numa são a directa e hostil oposição dos incluídos na outra. Nunca as duas entrarão em qualquer espécie de harmonia ou cooperação. Onde uma é exaltada a outra é desprezada e rejeitada. Do lado de Deus é o símbolo do próprio

espírito que renuncia, do sacrifício do eu e abnegado amor. É a declaração final que Deus nunca usará os poderes ilimitados que tem para forçar qualquer um a segui-l'O e a servi-l'O. Do lado de Satanás a cruz é a revelação do espírito de egoísmo em todo o seu pior desenvolvimento máximo. É a declaração que aqueles que não se submeterão ao que está no poder serão sujeitos à mais cruel tortura e morte.

Tão desprezada é a verdadeira cruz pelo mundo incrédulo que para os gentios era loucura e para os judeus, uma pedra de tropeço. Nenhum deles viu nela qualquer beleza, poder ou atracção.

“Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria;

“Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos.

“Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus.

“Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.” *1 Coríntios* 1:22-25.

Não se deve supor que os tempos mudaram desde os dias de Paulo. Há muitos que afirmarão que sim. As igrejas populares ridicularizariam qualquer sugestão que para eles a cruz fosse uma loucura ou uma pedra de tropeço. Para defender a sua discordância apontariam para o seu lugar dominante na sua literatura, pregação, adoração e uso prolífero no adorno de suas casas de oração e nas pessoas.

Então iriam perguntar se isto não era evidência suficiente para provar que, longe de ser loucura para eles a cruz era o próprio coração e luz da sua religião. Este argumento parece ser convincente e é a reivindicação do protestantismo evangélico moderno de que pregam apenas a Cristo e Este crucificado.

É um argumento adequado para provar ao pensador superficial que a cruz não é loucura para os que aderem às religiões modernas e que, a avaliação dos padrões da cruz nos dias de Paulo eram apenas aplicáveis aos dias dele. Mas, o estudante da Palavra de Deus que pensa cuidadosamente e com oração verá que há uma compreensão mais profunda e maravilhosa a ser obtida. Disto verá que não houve mudança e que a verdadeira cruz de Cristo é loucura hoje como o foi nos dias de Paulo. Chegará à conclusão que os religiosos modernos não adoram a cruz de Cristo como pensam, mas outra cruz.

Isto quer dizer que há duas cruces – a cruz de Cristo e a cruz de Babilónia, geralmente referidas como a cruz cristã. Como foi dito, a primeira é a revelação do carácter de Deus ao passo que a última simboliza o espírito que actua no diabo e nos seus filhos.

O inimigo não instituiu a sua cruz quando levou Cristo ao monte do sacrifício. Nem os judeus ou os gregos a contemplaram ali pela primeira vez. A cruz do diabo vem do tempo em que ele ergueu o seu reino pouco depois do dilúvio. Havia um poderoso “caçador perante o Senhor” cujo nome era Ninrode e cuja breve menção na Escritura aparece em *Génese* 10:8-11. A sua descrição como *perante o Senhor*, deve ser compreendida no sentido em que ele se colocava a si mesmo perante Deus ou no lugar de Deus a quem não respeitava nem obedecia.

A sua vida acabou numa violenta e inesperada morte que a sua mulher, Semiramis, e outros, exaltaram como um sacrifício voluntário da parte dele<sup>1</sup>. Foi ensinado que em virtude dos babilónios reverenciarem esta nobre oferta, seriam preservados para sempre. Como recompensa adequada, Ninrode foi deificado como o deus do Sol e o primeiro dia da semana estabelecido como o seu dia.

Uma vez que o herói morto tinha sido deificado, foram então estabelecidos os mistérios secretos da religião de Babilónia. Em seu devido curso, a licenciosidade de Semiramis gerou um filho ilegítimo. Semiramis e os defensores dos mistérios secretos, ensinaram que este filho era a reencarnação do herói morto. Assim Ninrode foi apresentado como sendo tanto o pai como o filho e declarado também que o filho era o marido dela. O nome Tamuz foi dado à criança com o significado de que este também era o nome de Ninrode. Mas, apesar do filho ter sido simplesmente

<sup>1</sup> Vede *The Two Babylons*, 61, 62, (*As Duas Babilónias*), por Alexander Hislop, publicado por S.W. Partridge & Co., 4-6, Soho Square, Edição London W.1. 1957.

nomeado como ou ter sido de facto o próprio pai, neste caso, o nome foi-lhe dado porque se acreditava que o pai tinha reaparecido. Não era suposto ser um nascimento no sentido normal. Era considerado como uma encarnação.

É imediatamente visível que em tudo isto existe uma notável contrafacção do mistério de Deus. Cristo devia vir e ter uma morte sacrificial, a aceitação da qual restauraria a vida eterna. Ele era, na sua encarnação, tanto o Pai como o Filho, ao passo que o Filho de Maria era também num certo sentido o seu Marido. Saliente-se que dizemos que isto é verdade *num certo sentido muito especial* como os leitores bem deverão compreender. Este papel especial de pai e filho era um assunto difícil e, para eles, uma pergunta sem resposta feita por Cristo aos fariseus.

“E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus,

“Dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-lhe: De Davi.

“Disse-lhes Ele: Como é então que Davi, em espírito, Lhe chama Senhor, dizendo:

“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por escabelo de teus pés.

“Se Davi pois lhe chama Senhor, como é seu filho?

“Ninguém podia responder-lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-Lo.” *Mateus* 22:41-46.

O irrefutável testemunho das Escrituras era que o Messias era o Senhor ou pai espiritual do rei Davi, contudo, seria ao mesmo tempo, declara a Palavra, o filho de Davi. É o mistério de Deus que a mesma pessoa possa ser tanto o pai como o filho e é o mistério da iniquidade pretender que assim é num ser criado aparte do único Ser que de facto o pode ser.

Tamuz então, como o suposto ser encarnado, foi exaltado ao lugar da mais elevada honra nos antigos mistérios e apareceu com nomes diferentes em várias ordens religiosas. Todo o sistema foi desenhado por Satanás para o ajudar numa guerra mais eficaz contra Deus. Embora a sua estrutura parecesse uma reprodução dos mistérios divinos, todo o seu espírito e princípios de operação estavam tão distantes, tão hostis e tão dedicados à guerra contra os princípios divinos que não havia semelhança real entre eles. A aparência enganadora foi engenhosamente idealizada para prender a destruição de corpos, mentes e almas dos homens.

É uma característica de todo o sistema de invento humano erigir um símbolo visível como um meio de identificação. Por isso, as nações têm bandeiras, os exércitos têm uniformes, as organizações divisas, os grupos especiais as suas insígnias, etc. Deus, também, Ele tem os Seus sinais de identificação, mas não são coisas materiais feitas de tecido, bronze, prata ou ouro. São de natureza espiritual e podem ser discernidas apenas com os olhos iluminados.

Assim os mistérios secretos precisam de um símbolo que lhes dê uma identificação que os identifique. Tal sinal tem que ser centrado num ser que, se acreditava, ter voltado dos mortos, Tamuz. De acordo como isto, a primeira letra do seu nome que na sua antiga forma tinha a forma de uma cruz, por isso o, **T**, se tornou a insígnia desse vastamente apostatado e rebelde sistema religioso. Era de tal maneira importante e sagrado nesse sistema antigo como nas ordens papais de hoje. Alexandre Hislop deu forte ênfase a este ponto no extracto seguinte.

““No sistema papal, como é bem sabido, o sinal da cruz e a imagem da cruz é tudo em todos. Nenhuma oração pode ser dita, nenhuma adoração começada, praticamente passo algum pode ser dado, sem o frequente uso do sinal da cruz. A cruz é olhada como a grande atracção, como grande refúgio em cada momento de perigo, em toda a hora de tentação como infalível protecção de todos os poderes das trevas. A cruz é adorada com toda a honra devida apenas ao Altíssimo; e qualquer que a invoque, no entendimento de um romanista genuíno, pelo termo escriturístico “de madeiro amaldiçoado,” é uma ofensa mortal. Dizer que um sentimento tão supersticioso pelo sinal da cruz, tal adoração concedida por Roma a uma cruz de madeira ou metal, cresceu sempre a partir das palavras de Paulo, ‘longe esteja de mim vangloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo,’ – isto é, na doutrina de Cristo crucificado – é meramente absurdo, um frívolo e pretensioso subterfúgio. As virtudes mágicas atribuídas ao assim chamado sinal da cruz, a adoração que lhe é conferida, nunca

veio de tal fonte. O mesmo sinal da cruz que Roma agora adora foi usado nos Mistérios de Babilónia, foi aplicado pelo paganismo com os mesmos fins mágicos, foi venerado com as mesmas honras. O que agora é chamado a cruz cristã, originalmente não foi de todo um emblema cristão, mas a mística letra grega T dos caldeus e dos egípcios – a verdadeira forma original da letra T – a inicial do nome de Tamuz – que, em hebreu, é radicalmente a mesma que a antiga dos caldeus, como se encontra em moedas, foi formada como o N° 1 da xilogravura (Fig. 43);



Fig. 43

e em etrusco e cópico, como Nos. 2 e 3. O místico T era marcado no baptismo nas testas dos que se iniciavam nos Mistérios e foi usado em todas as várias formas como um símbolo sagrado. Para identificar Tamuz com o sol muitas vezes se juntou o círculo do sol, como no N° 4; algumas vezes foi *inserido* no círculo como no N° 5. Embora se possa duvidar que a cruz de Malta na qual os bispos romanos inscrevem os seus nomes como um símbolo da sua dignidade episcopal, seja a letra T; parece, no entanto, não haver motivo para duvidar que a cruz maltesa seja um símbolo expresso do sol; pois Layard descobriu-a como um símbolo sagrado em Nínive numa tal relação que o levou a identificá-la com o sol. O místico T, como símbolo da grande divindade, era chamado “o sinal da vida;” era usado como amuleto sobre o coração; era marcado nas vestes oficiais dos sacerdotes, tal como nas vestes oficiais dos sacerdotes de Roma; era segurado por reis nas suas mãos, como sinal da sua dignidade ou autoridade divinamente conferida. As virgens Vestais de Roma pagã usavam-no suspenso nos seus colares, como as freiras de agora.

““Os egípcios faziam o mesmo e muitas das nações bárbaras com as quais tinham ligações, como provado nos monumentos egípcios. Na referência ao adorno de algumas destas tribos, Wilkinson escreve assim: “O cinto era algumas vezes muito ornamentado; os homens bem como as mulheres usavam brincos; e frequentemente tinham uma pequena cruz suspensa num colar ou no decote dos seus vestidos. Este uso não se applicava apenas a eles; também era aplicado, ou desenhado sobre, os vestidos dos Rot-n-no; e traços dele podem ser vistos nos extravagantes ornamentos de Rebo mostrando que estava já em uso tão cedo como o século quinze antes da era cristã.



Fig. 44

“Difícilmente se vê uma tribo pagã em que a cruz não tenha sido encontrada.”” *As Duas Babilónias*, 197, 199.

O testemunho de Paulo que a cruz era loucura para os gregos não pode ser correctamente compreendido a menos que se saiba que a cruz era uma parte tão importante e integral da religião grega e romana de então, como é da religião papal e protestante de hoje. Consequentemente, se as palavras de Paulo fossem reproduzidas a um grego ou romano desse tempo, teriam ridicularizado a ideia como sendo totalmente falsa, exactamente como os religiosos modernos fariam, se lhes fosse

sugerido que a cruz era loucura para eles. Apontariam para o papel dominante da cruz nos seus ritos e cerimónias religiosas, para as suas múltiplas manifestações no funcionamento da igreja e em todas as pessoas e edifícios, apresentando estas coisas como evidência de que a cruz é tudo menos loucura; e que a cruz é um objecto que recebe a maior referência e contínua adoração nos seus cultos.

Eles teriam argumentado que era a afirmação de Paulo e não a cruz que era loucura.

Portanto, existia o testemunho da palavra de Deus através do inspirado apóstolo contra a reivindicação dos gregos e dos romanos. O primeiro ensinava que a cruz era loucura para os gregos, ao passo que os últimos contradizem tal acusação. Deve admitir-se que os gregos eram totalmente sinceros naquilo que diziam, crendo que eles e não Paulo, diziam a verdade.

O facto real é que tanto o Espírito de Deus e *como os gregos* falavam verdade porque estavam a falar sobre *duas cruzes diferentes*. A cruz que *Paulo* conhecia e ensinava era total loucura para os gregos, ao passo que a cruz conhecida pelos *gregos* era tudo menos isso. Nada mudou desde esse dia. A cruz de Cristo com todos os seus requisitos é ainda loucura para o mundo incluindo os modernos religiosos, ao passo que a cruz conhecida e compreendida pelo mundo é a essência da sabedoria e dos caminhos humanos.

A cruz, seja a de Cristo ou a de Babilónia, não tem qualquer significado em si mesma. São meramente duas peças de madeira inanimada juntas em cruz. Mas é altamente simbólica. É representativa da cultura, ensino, crença e poderes opostos. Quando isso é compreendido, será visto precisamente como a cruz de Cristo é loucura para os gregos, romanos e para todos os restantes excepto para os que estejam vitalmente ligados em espírito e princípios a Cristo.

Considerai então o simbolismo da cruz tal como era conhecido pelos babilónios, fossem gregos, romanos, judeus, papistas ou protestantes. Estes poderes são todos altamente religiosos na natureza, mas não deve ser suposto que os princípios da sua religião diferem das suas práticas diárias. É claro que há algumas altas pretensões nestas crenças que não encontram comportamento correspondente na vida. Ignoramos isso aqui. Em vez disso, o interesse está nos princípios da religião, o que ela realmente é, não o que ela pretende ser.

Em resumo, enquanto a cruz que Paulo conhecia, vivia e ensinava, era a revelação do carácter de Deus, a que os babilónios conheciam, viviam e ensinavam era a revelação do carácter do homem do pecado, o filho da perdição. Portanto, a cruz como um símbolo não apareceu senão nos dias de Tamuz, aquilo que ela representa que vem do passado, do engano de Lúcifer, quando foi estabelecida a filosofia falsificada.

A cruz, como transmissor da mensagem de Deus para o Universo, é a expressão do espírito que procura a bênção e a salvação de outros não importa qual seja o custo para o próprio. Como símbolo dos caminhos de Satanás, ela declara o carácter que procura o seu próprio bem não importando qual o custo para os outros.

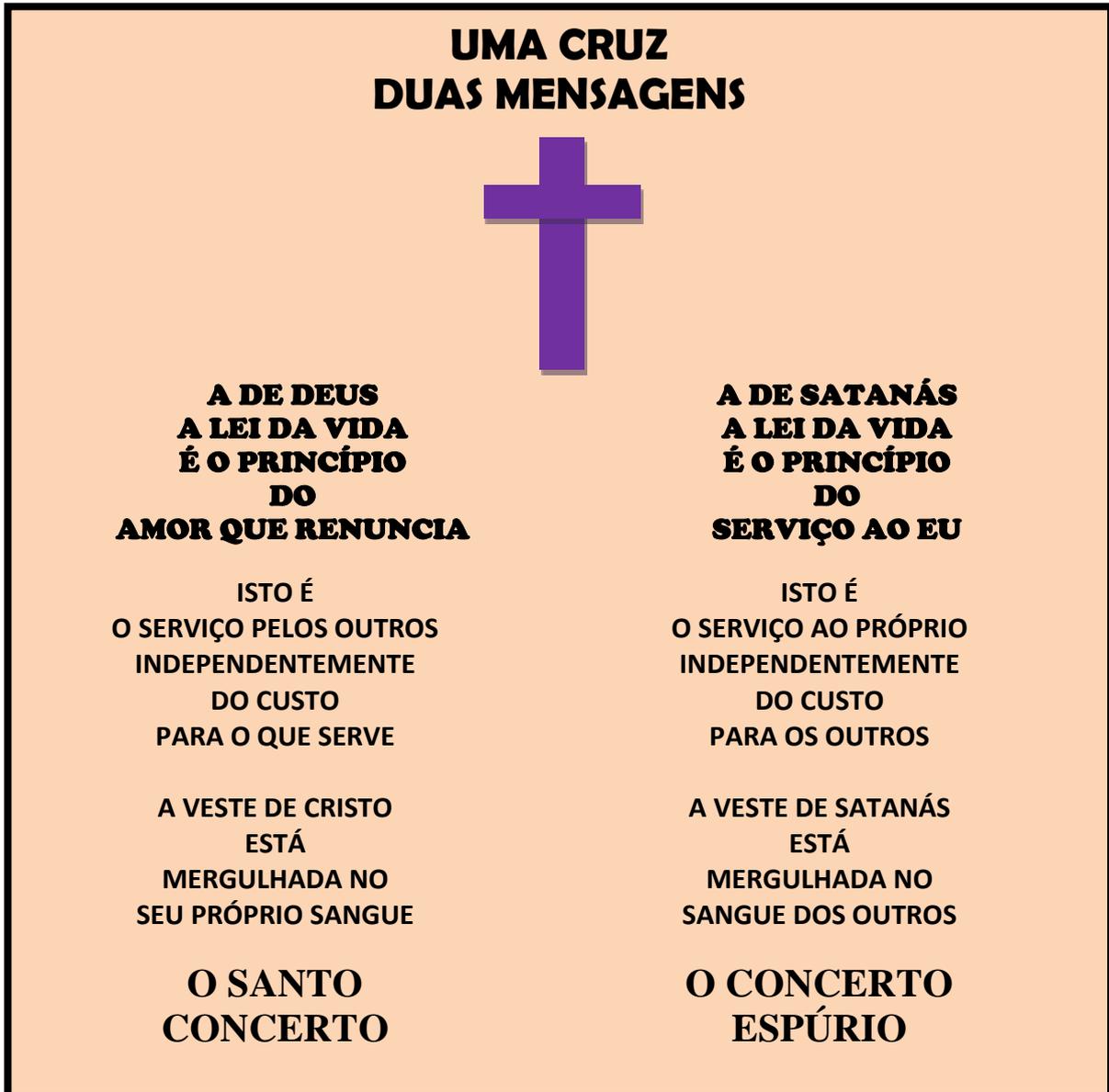
Dai agora cuidadosa consideração ao desenvolvimento do carácter de Babilónia. O homem do pecado não é original. O primeiro homem foi justo. Essa é uma verdade por si só evidente, pois no princípio, o Senhor fez todas as coisas boas. Portanto, o homem do pecado deve ser o desenvolvimento pervertido do homem original justo. Passo a passo, pois isto nunca pode ser a obra de um momento, o desvio foi amadurecendo até estar totalmente em inimizade contra Deus que lhe deu uma existência original perfeita.

O primeiro aparecimento deu-se com Lúcifer, a brilhante estrela da alva, mas o que aconteceu nele tem-se repetido em todo o subsequente afastamento do Deus vivo e da cruz de Cristo.

O caminho do Deus vivo é de abnegação e do amor que renuncia. É a sabedoria infinita de Deus que houvesse um círculo de amor que saindo d'Ele chegasse até aos limites mais longínquos do Universo e ao regressar a Ele saísse de novo numa glória transcendente de alegria e louvor. Ninguém deve receber meramente para sua própria satisfação e vantagem. Cada um deve ser um canal de modo que tudo quanto é recebido seja passado para os que estão à sua volta, administrando a mesma bênção a outros e esses a outros mais além.

Enquanto essa maravilhosa corrente fluiu em ritmo incessante, nenhuma nota de tristeza ou desagradável discórdia quebrou a doce harmonia do reino universal. Lúcifer, o querubim cobridor, era tão feliz quanto os restantes enquanto fielmente realizou a sua missão no serviço que lhe era indicado.

Mas chegou o tempo em que a sua fidelidade a este princípio começou a vacilar e então quebrou. Ele era o mais brilhante e por isso, o mais privilegiado, de todos os anjos. Ele detinha a mais elevada posição concedida a uma *criatura*. Ele tinha desenvolvido os mais brilhantes talentos e a sua chegada



a este pináculo de poder e glória foi o resultado dos dons derramados sobre ele pelo seu Criador, combinados com o seu diligente esforço pessoal. A princípio, sentiu apenas gratidão para com Deus pelo Seu maravilhoso amor, seu coração correspondia diariamente à vida que fluía de Deus para ele. Mas o passar do tempo trouxe-o por fim imperceptivelmente ao ponto em que se tornou cada vez mais consciente de si próprio do seu brilhantismo e menos convicto de Deus que lhe tinha dado tudo isso.

Com maravilhosa percepção, as Escrituras discernem a causa da queda de Lúcifer da sua elevada ascensão.

“Na *multiplicação do teu comércio* se encheu o teu interior de violência e pecaste; pelo que te lançarei profanado fora do monte de Deus, e te farei perecer, ó querubim protector, entre pedras afogeadas.” *Ezequiel* 28:16.

Desconhecemos a natureza do comércio que destronou o maravilhoso ser. As mercadorias terrestres são bens vendáveis desde as coisas mais comuns às mais valiosas. Elas são avidamente procuradas pelo mundo, pois a sua posse assegura-lhes libertação das necessidades e a certeza da segurança, conforto e poder.

Seja qual for a forma que elas tenham no Céu não é importante. O comércio significava para Lúcifer o engrandecimento de posses pessoais, poder e riqueza. Elas tinham o mesmo efeito sobre ele como tiveram sobre habitantes terrestres através dos tempos, excepto para aquelas raras excepções, para os indivíduos que foram de tal maneira tomados pelo espírito do amor abnegado que escaparam a essa tentação.

Esse efeito fez com que Lúcifer *transferisse* gradualmente a sua fé do *Dador* de todas as coisas, para os *dons* providos pelo Dador. Começou a compreender que se retivesse o que caía em seu poder, acumularia então muito mais dessas coisas maravilhosas. Assim, o já muito rico anjo enriqueceria muito mais.

Tudo isto não é tão facilmente visto na vida Lúcifer como nas vidas dos homens e mulheres. O procedimento tem sido repetido vezes sem conta desde que Satanás veio ter com Eva junto à árvore proibida. Isto é confirmado nas histórias dos movimentos que se levantaram em favor de Deus para demonstrar o Seu carácter com eficácia e desse modo dar um fim ao pecado e seus horrores relacionados.

Tais movimentos nascem em tempos de grande apostasia espiritual. O movimento do êxodo do Egipto tirou o povo das profundas trevas da longa noite no Egipto. Assim aconteceu com o regresso à Terra Prometida depois do cativeiro em Babilónia. Mais tarde a igreja apostólica emergiu das trevas da longa rejeição dos judeus dos princípios divinos como fizeram as igrejas da reforma da meia-noite papal.

Esses regressos para Deus são protagonizados inicialmente por uma única voz atacando a esmagadora oposição da elite dominante, ajudada pela superstição, medo e ignorância da população em geral. O mensageiro escolhido pelo Senhor vê com vívida clareza a humanidade sem esperança incapaz de enfrentar com êxito estes poderes das trevas combinados, mas não pode voltar atrás. Está entregue à sua missão. Portanto, é forçado a procurar refúgio no Altíssimo para obter força.

Ao confessar a sua fragilidade e necessidade e pela fé constrói uma relação viva com o Altíssimo, as janelas do Céu abrem-se e luz, poder e ajuda material são canalizadas para ele. Apressa-se a levar estes dons para a batalha, e, logo que eles se esgotam e regressa para receber ainda mais. Quando outros se juntam a ele, com igual consagração, levam tudo o que têm para a batalha, olhando para Deus e só para Deus em busca de orientação e apoio. O sentido de necessidade durante este período é muito grande, resultando numa total falta de suficiência pessoal.

À medida que o tempo passa, grandes vitórias são alcançadas, outros se juntam às fileiras e as lutas iniciais são seguidas por um período relativamente calmo. Deus continua a mandar as Suas maravilhosas bênçãos sobre eles com o propósito que eles as usem para chegar mais longe com a mensagem do poder.

Porém, como os israelitas dos dias de Josué que não levou a batalha aos extremos confins da Terra, mas permitiu que restos de rebelião permanecessem, assim os crentes não seguem a directiva para irem além de Jerusalém e Samaria às partes extremas da terra. Privação, abnegação e sacrifício não são atractivos para a natureza humana que prefere descanso das batalhas, facilidades, prazeres, conforto e, acima de tudo, segurança. A tentação de se afastar, pelo menos em parte, do calor da batalha é tão atraente que vence pouco a pouco. Mais e mais dos dons de Deus são retidos para segurança e conforto pessoal.

Enquanto se forma uma firme base de segurança material, reduz-se o intenso sentido de necessidade que anteriormente levou a Deus como o Dador de todas as coisas boas, à medida que a

tónica é colocada cada vez mais na retenção do que é material e visível. Em breve, casa é adicionada a casa, terra a terra, até que toda a missão da igreja se perde, a acumulação de riqueza torna-se o grande objectivo na vida.

Inevitavelmente, isto produzirá uma transformação de condições no espírito e experiência daqueles que antes se devotaram ao serviço de Deus e da humanidade. Os seus pensamentos e interesses serão cada vez menos acerca de Deus e cada vez mais para a mercadoria. O aumento das posses produzirá o sentimento crescente de segurança. As bases da sua fé tornam-se o dinheiro, casas, terrenos e outros sistemas de suporte de vida visíveis. Esses perderam a fé em Deus. Mas é importante que compreendam que não perderam fé. Pelo contrário, transferiram a sua fé no grande Dador de todas as coisas, para as coisas dadas pelo Dador.

Orgulho crescente e satisfação pessoal estão a tomar posse na sua crescente prosperidade. Olham com prazer para o seu árduo trabalho, para a sua honestidade, para o pagamento fiel das contas e sua escrupulosa atenção para com as suas várias obrigações, como prova de que ganharam a sua riqueza irrepreensivelmente. Sentem-se no direito a tudo quanto têm. Consideram-se abençoados pelos céus, possuidores de nada mais do que aquilo que têm por direito e justiça. Esta convicção desenvolveu neles o espírito de luta por esses direitos, de modo que, se alguém os ameaça na mais pequena parte dos seus lucros, resistem e até contra-atacam até ao limite das suas forças.

A tragédia humana é que a verdadeira natureza daquilo que fizeram está escondida deles. Aquilo que contemplavam como sendo um trajecto perfeitamente legítimo, é de facto de fraude e roubo, pois apropriaram-se dos bens que lhes foram confiados, para um propósito que não era o que havia sido designado pelo Dador.

Esta Terra não é o Céu. Ela é um deserto de sofrimento e desespero criado pela entrada do pecado. Existe uma situação de crise a que o Pai e os ministros celestiais estão decididos a pôr fim tão cedo quando possível. Mas é impossível realizar isto sem a total cooperação da família humana. Deus não deixa aqueles que aceitam a sua responsabilidade fazerem este trabalho sozinhos. Ele disponibilizou todas as ferramentas necessárias. Mas, nada disto é dado ao homem para tornar esta Terra num paraíso para si mesmo, enquanto a vasta maioria sofre necessidade, doença, aflição e degradação. Todos estes dons são dados para levar em frente o vasto programa de salvação. Algumas delas são a necessidade de um lar, alimento e vestir os que participam na obra, tal como um soldado no campo deve ser pessoalmente sustentado. Mas, para além daquilo que é estritamente necessário para este propósito, as ferramentas providas pela graça de Deus e o diligente labor do crente devem ser devolvidos ao Senhor com juros.

Jesus Cristo deu o melhor exemplo disto. Ele recebia muito do Seu Pai, dia a dia, mas nada foi usado para Sua satisfação pessoal. Tudo quanto Lhe foi confiado, Ele usou como um fiel mordomo com focada consagração à missão para pregar o evangelho da cruz.

Tragicamente, este inigualável exemplo é raramente compreendido e ainda menos seguido por aqueles que proclamam ser seguidores do manso e humilde Ser. Em vez de serem mordomos rigorosamente fiéis, têm desviado para outros usos aquilo que o Senhor deu com propósito especificamente designado. A acusação de infidelidade será colocada sobre esses. A corrente de bênçãos que Deus tencionava que fosse espalhada, parou neles para se tornar num Mar Morto.

Esta é apenas a fase inicial da deserção humana. As Escrituras dizem-nos que no caso de Lúcifer a multiplicação do seu comércio encheu o seu interior de violência. (ver *Ezequiel* 28:16.) Portanto, a queda não está completa até ela se revele em violência. Isto acontece sempre.

À medida que um homem fica obcecado com a acumulação cada vez maior de bens materiais, mostra cada vez menos respeito e consideração pelo seu próximo. Caso se coloquem no seu caminho, oprimi-los-á. Se eles puderem ser usados para ajudá-lo a construir o seu império, não hesitará em explorá-los.

Enquanto mantiver uma vantagem superior, ele aumentará com sucesso em poder e riqueza por esse meio. No entanto, haverá continuamente, um ressentimento crescente por parte dos que estão sendo usados, que acabará por se transformar em violência aberta. Ao longo da história da Terra, é

possível encontrar exemplos disso quando raças oprimidas se erguem contra os seus dominadores. Rios de sangue são derramados, grandes mudanças são efectuadas na estrutura política do mundo e o cetro do poder passa de um grupo para o outro.

O desenvolvimento da elite dominante de uma estrutura de poder através da forte opressão das massas havia sido alcançado pela hierarquia judaica no tempo do primeiro advento de Cristo. Deus havia designado a nação judaica para levar a verdade da Sua justiça às partes mais longínquas do globo habitável. A eles foram dadas todas as vantagens e bênçãos possíveis como equipamento para a rápida e completa execução do seu chamamento. Mas eles deixaram de viver pela lei que renuncia em prol do serviço aos outros, a fim de juntar poder e glória para si mesmos. Eles haviam transferido completamente a sua fé de Deus para as coisas da Terra e, quando Cristo veio, exibiram todas as obras resultantes de tal conduta.

Todo o princípio de operação entre eles era o de Babilónia que declara que, ou servis aos poderes instituídos como eles querem que lhes sirvais ou então morreis. Este é o próprio centro e substância da filosofia de Babilónia, pelo qual ela procura justificar o massacre de multidões que se atreveram a recusar subscrever a sua filosofia. Esta é a sua religião; a sua cruz, que remonta a Ninrode e Tamuz é o seu símbolo.

Nessas trevas e lamentação veio Jesus derramar a luz destes princípios opostos do servir os outros e do amor que renuncia. Os fariseus e os saduceus foram confrontados com uma ameaça que nunca tinham conhecido antes. O perigo de perderem a sua autoridade, poder, riqueza e tudo o mais que eles tão dolorosa e incansavelmente trabalharam para alcançar, de repente torna-se terrivelmente iminente para si.

Tinham experimentado em toda a sua procura de riqueza e poder, o perigo contínuo de que alguém viesse e lhes tirasse, mas isto era por alguém dedicado a princípios iguais aos deles. Podiam compreender o trabalho das suas mentes, pois pensavam da mesma maneira. Sabiam como competir com tais suplantadores e fizeram-no com toda a força dos seus poderes.

Mas Jesus trouxe um método de trabalho inteiramente diferente. Não procurou a riqueza e o poder deles como objectivo principal ou qualquer outro objectivo. Ele veio para *implantar* nos corações de todos os homens um novo princípio que na realidade é o mais antigo de todos os princípios que tinha operado através da eternidade sem limite de passado. (Os princípios dos fariseus não existiam até o pecado aparecer.) Esse princípio é o da cruz de Cristo diferente da cruz de Tamuz. É a linha orientadora de vida na qual “O amor que ‘não busca os seus interesses’ tem sua fonte no coração de Deus;” {DTN 9}, *O Desejado de Todas as Nações*, 20.

Cada palavra dita por Cristo ensinou estes princípios. Cada acto da Sua vida era uma viva e prática demonstração dos mesmos, enquanto a energia que fluía de Deus através d’Ele como uma corrente de vida vibrante, transmitia aos que estavam dispostos a receber o Seu ministério, o mesmo espírito do serviço abnegado. Por causa disso, homens e mulheres eram atraídos a Ele e desejavam ser vasos da Sua maravilhosa vida. O Seu poder de atracção chega a abranger mesmo aqueles que tinham devotado as suas vidas ao engrandecimento próprio. Para a maioria, aquelas mentes orgulhosas e sensuais, ao reconhecerem o chamamento a uma mudança total nas suas atitudes e procedimentos, envolvendo a entrega daquilo a que se agarravam como direitos seus, resistiam com crescente veemência ao ministério de amor do Salvador.

Quanto mais diligentemente Cristo trabalhava para os salvar, mais decididamente se entrincheiravam nas suas posições e inventavam todos os meios possíveis para O impedir de alcançar as mentes do povo. Esperavam que as suas brandas medidas O intimidassem e fá-lo-iam desistir da Sua missão, mas como isto não surtiu o efeito desejado, avançaram sob o comando e liderança de Satanás, o mestre deles, até conseguirem pregá-l’O na cruz.

Antes de Cristo começar o Seu ministério público o diabo enfrentou-O no monte da tentação. Ali fez uma proposta a Cristo mostrando-Lhe os reinos do mundo com a sua glória e poder, prometendo-Lhe tudo isto se Ele apenas o adorasse.

“Novamente O transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-Lhe todos os reinos do mundo e a glória deles.

“E disse-Lhe: tudo isto Te darei se prostrado me adorares.” *Mateus* 4:8, 9.

Esses reinos com a sua pompa e glória tinham sido construídos pelos métodos do serviço ao eu não importando o custo que tivesse tido para os outros. Podiam ser mantidos como tal apenas continuando os mesmos procedimentos. Portanto, quando Satanás pediu a Cristo para se ajoelhar e o adorar para que pudesse tomar posse de todos estes sistemas terrestres como recompensa, estava, por implicação, pedindo a Cristo para se desviar dos Seus princípios de construir o reino para os de Satanás e homem pecador.

Ele procurava que Cristo abandonasse o princípio do serviço de abnegação em troca do serviço ao eu ignorando qualquer custo que pudesse ter para os outros. Satanás sabia bem que se Cristo abandonasse estes princípios em favor dos seus, seria para sempre vencedor no conflito.

Uma vez que Cristo rejeitou totalmente a oferta de Satanás, então o rei dos demónios foi deixado sem outra alternativa senão revelar totalmente o espírito que o motivava. Ele teria o seu próprio caminho, serviria os seus interesses, ambições, desejos e aspirações independentemente de quanto isso custasse aos outros. À medida que Cristo prosseguia dia a dia com imutável fidelidade o caminho da cruz em direcção à cruz, o diabo montou uma campanha com crescente intensidade contra Ele na qual lutou para O forçar a desistir do Seu curso determinado, tornando a Sua missão tão difícil quanto possível através de inconveniências pessoais, sofrimento, dor, humilhação, rejeição, privação de conforto, segurança, protecção e riqueza. Um dos maiores testes possíveis que podem ser impostos à natureza humana é pedir-lhe que sirva os outros à custa de si mesmo.

Quando esse custo pede o sacrifício supremo, executado sob condições de extrema tortura e terrível sofrimento mental, então o teste alcançou a intensidade máxima. “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” *João* 15:13.

Este foi o serviço que Cristo veio fazer, demonstrando assim a própria essência da natureza do carácter de Deus. À medida que essa maravilhosa revelação de Deus é retratada à contemplação, deve reconhecer-se que desse modo Deus através de Cristo declarou que servirá inclusivamente as criaturas que criou não importando qual o custo que isto Lhe trouxesse. Deus declarou antes de haver pecado que isto era o que faria como resultado da Sua própria natureza. Quando se levantou a rebelião, então a declaração foi na sua totalidade testada. Deus em Cristo demonstrou que Deus é verdadeiro que é motivado pelo princípio do serviço aos outros não importando qual o custo para Si mesmo. Se o Calvário não prova isto, então não prova nada.

Tanto quanto foi capaz de compreender Satanás entendeu que os seus princípios podiam tornar-se o caminho estabelecido apenas pela destituição dos caminhos de Deus e trabalhou inflexivelmente para tornar o serviço de Cristo tão difícil quanto possível, esperando que chegasse o momento em que a Sua humanidade protestaria ao ponto em que Ele não prosseguiria no pagamento do preço pelos outros.

Porém, não importava quanto Satanás lançasse sobre Ele custo após custo, o Salvador continuou com imutável consistência em direcção ao momento do sacrifício total. Não apenas no Calvário, mas em todo o passo dirigido a esse ponto crucial na eternidade, Jesus viveu pelo princípio de servir sem considerar o custo para Si mesmo. Portanto, a crucificação não era nada novo para Ele. Era apenas a confirmação final daquilo que tinha sido e vivido eternamente e continuaria a viver para todo o sempre.

A revelação do carácter de Deus como Aquele que serve outros independentemente do custo para si próprio era apenas um lado da ilustração. Do outro lado, a contínua exigência de Satanás do custo mais elevado possível para o Filho de Deus revelava nele o carácter pelo qual obteria os seus fins não importando o custo elevado que seria pago pelos outros.

Do mesmo modo, o Calvário não era nada novo para Satanás. Ele era a máxima manifestação do seu carácter de total egoísmo. Enquanto observamos ali o seu comportamento, é-nos dado um vislumbre da natureza dos seus princípios e da sua obra-prima final. É visto ali que não há limite ao

qual ele não recorra, nenhum sofrimento que não cause, nenhum preço que não exija, mesmo que seja tomar a vida do próprio Ser que lhe deu a vida e tudo quanto jamais teve – Aquele que lhe deu apenas bondade, amor, justiça, misericórdia e todas as outras coisas boas.

Assim no monte do Calvário, a cruz na qual o Salvador morreu era, na realidade duas cruzes. Havia a cruz romana ou grega que datava do início da rebelião satânica. Era o testemunho, na expressão mais convincente dos princípios de Satanás em operação. Ali Satanás demonstrou a todas as criaturas no Universo o que lhes faria se não pagassem o preço pelo qual ele podia ter o melhor para si mesmo. Cada pessoa, sistema e organização que seguia a sua liderança operava segundo os mesmos princípios, fosse qual fosse a extensão ao alcance do seu poder para impor as suas vontades.

Uma ilustração gráfica disto é encontrada no comportamento dos senhores da guerra na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Mais do que um cartoonista mostrou isto com caneta e pincel representando Adolfo Hitler e Benito Mussolini empilhando milhões de sacrifícios de vidas humanas, esperanças e fortunas numa montanha suficientemente alta para lhes permitir observar e medir a cobiçada recompensa do absoluto domínio mundial. Era inconsequente para eles quanto os *outros* tinham pago, desde que *adquirissem* o que tinham *desejado*.

Não há nada de loucura para os gregos *nesta* cruz. Eles compreendem e aceitam a sua mensagem. Esse é o único caminho de vida que compreendem, pois para eles é o segredo da sobrevivência, acesso ao conforto e poderes que a natureza humana pecadora deseja.

O maior contraste para esta cruz e sua mensagem é a cruz da qual Paulo falou com tanta reverência e entusiasmo. Esta é a cruz como Cristo a apresentou ao Universo tanto na Sua vida diária como na própria cruz. Este é o supremo testemunho que o caminho de Deus é fazer qualquer sacrifício – mesmo da Sua própria vida se se provasse ser necessário – para servir outros até à medida da sua desamparada necessidade.

Dessa cruz, a maravilhosa e tocante submissão de Cristo ao preço pedido pela nossa salvação, convida todo o ser até ao mais remoto limite do reino de Deus, para tomar a sua cruz individual e seguir onde Ele guiou o caminho. Escutai a Sua voz soando pelos séculos desde o dia em que deu os Seus conselhos aos amados apóstolos. “Então disse Jesus aos Seus discípulos: Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me;” *Mateus* 16:24.

Isto não é um apelo para tomar dois pedaços de madeira e colá-los em forma de cruz, ou num martelo e moldar o ouro, prata ou outros metais preciosos. Estas instruções não são cumpridas usando uma cruz num fio à volta do pescoço, ou fixando-a nas portas, paredes ou qualquer outra parte das nossas casas. Este é um convite para abandonar para sempre Babilónia, Grécia, Roma e os princípios pagãos de tornarem o serviço ao eu a coisa mais importante sem importar quanto isso possa custar aos outros. É um desafio para negar totalmente o eu, em que o serviço aos necessitados é a principal e grande missão independentemente do custo que isso possa ter.

Correctamente compreendida e vivida significará que,

- Quando te batem numa face, oferecerás também a outra;
- Quando te processarem à lei e te tomarem o teu casaco, debes dar-lhe também a capa;
- Quando te compelirem a ir a primeira milha, ide com ele caridosamente a segunda;
- Dá a quem te pedir e empresta aos que te pedirem emprestado;
- Amai os vossos inimigos;
- Abençoai os que vos amaldiçoam;
- Fazei bem aos que vos odeiam;
- Orai por aqueles que vos perseguem e desprezam.

Ver *Mateus* 5:38-45.

Para a mente não santificada, a mente dos gregos, isto é na verdade loucura. Não podem ver sentido nela. Mas podem ver muito sentido no sacrifício de outros para o bem deles. Portanto, se a cruz não fosse mais do que Cristo a entregar-se completamente pelos outros, então não seria loucura para os gregos ou alguém mais. Todavia, quando se lhes pede para seguirem o mesmo caminho, para viver como Jesus viveu, servindo os outros não importando qual o grande custo para si próprio, então

para os gregos, ela é na realidade loucura. Isso é perder tudo quanto faça a vida merecer ser vivida. Pode olhar-se e vê-se como escravo, sendo explorado, usado, humilhado, expropriado, oprimido, desprezado e por fim abandonado e tudo isto para nada, ao passo que aqueles a quem se deu a si mesmo em serviço, vivem confortavelmente e com opulência, gozando o melhor da vida à sua custa. Tal perspectiva torna este caminho apenas loucura para os gregos.

Há na realidade alturas e profundidades na cruz de Cristo, em contraste com a cruz de Tamuz, babilónios, romanos, gregos e pagãos que a própria eternidade nunca pode exaurir. Quando isto é verdadeiramente visto, constitui a melhor revelação disponível do carácter de Deus. O Senhor da glória e Sua justiça aparecerão no Seu maravilhoso melhor, enquanto Satanás e sua injustiça se revelam no seu pior.

A cruz prova de facto que Deus não destrói como o homem faz, pois, se Ele o fizesse a fim de preservar o Seu reino, estaria então a servir-Se a Si mesmo e aos Seus súbditos leais com um custo terrível para outros. Esse não é o caminho da cruz de Cristo e não é o caminho do carácter de Deus. É o princípio do reino das trevas.

Mas apesar de provar este ponto, a cruz, é muito mais amplamente uma mensagem para o povo de Deus, por muito importante que aquela verdade seja.

O Calvário desafia todo o indivíduo no Universo a encontrar e seguir o caminho que recebeu a sua maior magnificência, explícita e compreensiva exibição no monte do Gólgota. Olhai de novo, cada vez mais profundamente para o seu esplendor. Quando as lições a serem aprendidas aos pés da cruz forem verdadeiramente compreendidas e diariamente refrescadas e continuamente aprofundadas, caminhará nesta Terra um povo transformado através do qual o definitivo fim do problema do pecado pode ser alcançado.

Para os gregos, a cruz era loucura;

Para os judeus, uma pedra de tropeço;

Mas para aqueles que são chamados, sejam eles gregos ou judeus,

É Cristo,

*O poder de Deus,*

E a *sabedoria* de Deus. (ver *1 Coríntios* 1:23, 24.)

# Capítulo 2

## Os Dois Israel

---

**Q**uando o rei Nabucodonosor saiu para a guerra com Israel, havia duas forças chamadas Israel preparadas para o enfrentar, mas ele via apenas uma. A maior secção destes dois Israel era composta pelos que tinham caído em profunda apostasia e estavam rapidamente a cair na ruína total.

Este grupo maior era constituído pelo povo da nação, suas forças militares, governo, ordens religiosas, e reis. Isto confirmava-lhes que, sem dúvida, eram o verdadeiro Israel de Deus, e que no seu entender lhes pertencia o concerto da promessa, a ilustre história das grandes vitórias do passado, e as promessas dum glorioso futuro no reino do Messias vindouro. Mas estavam totalmente enganados a este respeito, porque o Israel apostatado não era o mesmo povo justo e vitorioso que havia caminhado com Deus em fé viva e venceu as suas lutas. Eles eram Israel apenas de nome.

Contudo, estavam tão cegos quanto à sua verdadeira condição que se agarraram à atraente, embora ilusória afirmação que somente eles eram os escolhidos, e assim permaneceriam para sempre. Tinham perdido de vista o princípio que, para Deus, a continuação como Seus representantes é determinada pela continuação em todas as qualificações da justiça. Não é um povo nominal com quem o Senhor trabalhará, e a quem Ele outorgará as Suas mais ricas bênçãos, a menos que mantenham a viva experiência com que se qualificaram para receber a missão de Deus no início.

“Os fariseus tinham-se declarado filhos de Abraão. Jesus disse-lhes que esta pretensão só podia ser assegurada mediante a prática das obras de Abraão. Os verdadeiros filhos de Abraão viveriam, como ele próprio vivera, uma vida de obediência a Deus. Não procurariam matar Aquele que estava a falar a verdade que Lhe fora dada por Deus. Conspirando contra Cristo, os rabis não estavam a fazer as obras de Abraão. O ser descendente natural de Abraão não tinha nenhum valor. Sem ter com ele ligação espiritual, a qual se manifestaria em possuir o mesmo espírito, e fazer as mesmas obras, não eram seus filhos.” {DTN 329}, *O Desejado de Todas as Nações*, 507.

Em desafio a este princípio, mesmo quando a apostasia nacional lhes estava a acarretar ruína nacional, continuavam ainda a proclamar a sua orgulhosa confiança em si próprios de que eram os eleitos.

“O povo judeu acariciava a ideia de que eram os favoritos do Céu, e seriam sempre exaltados como igreja de Deus. Eram filhos de Abraão, declaravam, e o fundamento de sua prosperidade parecia-lhes tão firme, que desafiavam Terra e Céu para desapossá-los de seus direitos. Por sua conduta infiel, porém, estavam-se preparando para a condenação do Céu e separação de Deus.” {PJ 156}, *Parábolas de Jesus*, 294.

O outro Israel, numericamente o mais pequeno dos dois grupos, era formado pelos que permaneciam livres da apostasia e ainda eram fiéis a Deus independentemente da rebelião que marcava o corpo principal. É a este grupo que Daniel e os seus três jovens amigos pertenciam. Eles eram o verdadeiro Israel ao qual pertenciam muitos mais do que estes quatro que continuavam a ser fiéis a Deus durante a fase final da apostasia, conseqüente ruína de Israel, e setenta anos de cativeiro. Forte prova disto é dada no número de cativos em Babilónia que durante muito tempo esperaram o feliz dia em que pudessem regressar à sua própria terra e ali recomeçar vidas de fiel obediência. Quase cinquenta mil se alegraram quando o dia da libertação finalmente chegou pelo decreto de Ciro

que permitia e mesmo encorajava os judeus a regressarem a casa e reconstruir o templo sagrado e a cidade de Jerusalém.

“As novas deste decreto alcançaram as mais distantes províncias do domínio real, e em todo o lugar entre os filhos da dispersão houve grande regozijo. Muitos, como Daniel, tinham estado a estudar as profecias e a buscar a prometida intervenção de Deus em favor de Sião. E agora suas orações estavam sendo respondidas; e com gozo de coração podiam unidos cantar:

“Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram de Sião,

Estávamos como os que sonham.

Então a nossa boca se encheu de riso,

E a nossa língua de cânticos.

Então se dizia entre as nações:

Grandes coisas fez o Senhor a estes.

Grandes coisas fez o Senhor por nós,

E por isso estamos alegres.’ Salmo 126:1-3.

“Então se levantaram os chefes dos pais de Judá e Benjamim, e os sacerdotes e os levitas, como todos aqueles cujo espírito Deus despertou’ — esse foi o piedoso remanescente, cerca de cinquenta mil, dentre os judeus das terras do exílio, que se determinaram tirar vantagem da maravilhosa oportunidade a eles oferecida, ‘para subirem a edificar a casa do Senhor, que está em Jerusalém.’ Seus amigos não lhes permitiram sair com mãos vazias. ‘E todos os que habitavam nos arredores lhes confortaram as mãos com vasos de prata, com ouro, com fazenda, e com gados, e com coisas preciosas.’ A essas e muitas outras ofertas voluntárias foram acrescentados ‘os vasos da casa do Senhor, que Nabucodonosor tinha trazido de Jerusalém.... Estes tirou Ciro, rei da Pérsia, pela mão de Mitredate, o tesoureiro.... Todos os vasos de ouro e de prata foram cinco mil e quatrocentos,’ para uso no templo que ia ser reconstruído. (Esdras 1:5-11.)” {PR 284}, *Profetas e Reis*, 558, 559.

Esta não era uma ilustração de apostasia ou ruína. Era um agradável recomeço iniciado por um remanescente que estava feliz por consagrar tudo o que tinham e eram ao restabelecimento da adoração do Deus vivo nesta Terra. Evidentemente, ainda não tinham alcançado a estatura completa de homens e mulheres em Cristo Jesus, mas estavam a crescer na graça e relativamente livres da apostasia. Se assim não fosse não estariam interessados em regressar e reconstruir a cidade e o templo.

Durante os setenta anos muitos filhos tinham nascido de pais fiéis que terão ensinado os seus pequenos a evitar os passos que arrastavam para a apostasia. Ao mesmo tempo terá havido muitos que morreram lamentando as espantosas perdas a que Israel havia sido sujeito, todavia, entesourando as promessas contidas nas profecias da libertação e restauração. Pelo menos durante esse tempo, a maldição da apostasia, destinada a desenvolver-se uma vez mais nas fileiras, devia permanecer, porque, a menos que se convertessem entretanto, um grande número de apóstatas que tinham sido o problema naquilo que levou ao início dos setenta anos, ou estavam mortos, ou muitos deles espalhados por toda a Terra. Se nenhuma outra bênção fosse conseguida, a nação de Israel pelo menos tinha sido limpa na preparação para um novo começo. Eles foram assim capazes de entrar na obra da restauração relativamente livres da apostasia.

Estes fiéis eram aqueles que formavam o verdadeiro Israel de Deus, embora não reconhecidos como tal por todos os outros habitantes da Terra nessa altura. Inevitavelmente, estava próximo o tempo em que o rei de Babilónia e todos os seus poderosos conselheiros se confrontariam com o verdadeiro Israel.

O verdadeiro Israel podia ser dividido em quatro classes durante este tempo de desolações e subsequente restauração.

Em primeiro lugar havia o corpo principal com os seus membros espalhados por toda a cidade e nação. Este recebia pouca se alguma menção nos escritos sagrados, mas isto não significa que não deram valiosa contribuição para o avanço da obra do Senhor durante o próprio cativeiro. As instruções que Deus lhes deu através do profeta Jeremias tinha sido que não deviam causar

problemas pela manifestação de um espírito rebelde. Pelo contrário, deviam promover a paz da terra pela sua pacífica submissão ao temporário domínio de Babilónia.

“Através de Jeremias, Zedequias e toda Judá, inclusive os que tinham sido levados para Babilónia, foram aconselhados a se submeterem pacificamente ao domínio temporário de seus conquistadores. Era especialmente importante que os que estavam no cativeiro buscassem a paz da terra para a qual tinham sido levados. Isto, entretanto era contrário às inclinações do coração humano; e Satanás, tirando vantagem das circunstâncias, fez que se levantassem entre o povo falsos profetas, tanto em Jerusalém como em Babilónia, os quais declaravam que o jugo do cativeiro seria logo quebrado e o anterior prestígio da nação restaurado.” {PR 224}, *Profetas e Reis*, 440, 441.

Estas instruções do Senhor contradizendo as declarações dos falsos profetas, vieram pouco tempo antes do rei Nabucodonosor atacar Jerusalém e destruí-la embora tivesse planeado não o fazer. A provocação para a sua mudança de procedimento foi gerada pela rejeição de Zedequias e outros apóstatas das ordens do Senhor. Eles interpretaram tão mal o motivo das instruções de Deus que preferiram acreditar que eram conspirações de Jeremias destinadas a trair a nação entregando-a nas mãos do rei Nabucodonosor.

Esta era exactamente a forma como reagiriam aqueles em quem reinava a rebelião. A qualquer coisa que Deus dissesse, reagiriam de forma oposta. Assim, quando no Seu imenso amor, Deus os advertiu para humildemente se submeterem aos seus conquistadores, decidiram desobedecer e rebelar-se. Todos os apóstatas que assim fizeram, em breve desapareceram do campo de acção os quais nunca mais foram vistos ou mais se falou. Eles mereceram isto, porque escarneceram duma das maiores manifestações de amor jamais dirigidas aos homens.

“Com que terna compaixão Deus informa Seu povo cativo de Seus planos para Israel! Ele sabia que se eles fossem persuadidos por falsos profetas a que esperassem por breve libertação, sua posição em Babilónia se tornaria muito difícil. Qualquer manifestação ou insurreição de sua parte despertaria a vigilância e severidade das autoridades caldeicas, o que poderia conduzir a posterior restrição de suas liberdades. O resultado seria sofrimento e angústias. Ele desejava que se submetessem pacificamente a sua sorte, tornando sua servidão tão agradável quanto possível; e Seu conselho a eles foi: ‘Edificai casas e habitai-as e plantai jardins, e comei o seu fruto.... E procurai a paz da cidade, para onde vos fiz transportar, e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz.’ Jeremias 29:5-7.” {PR 224}, *Profetas e Reis*, 441, 442.

Mas, embora os rebeldes apóstatas não tivessem a obediência nos seus corações, o verdadeiro Israel naturalmente tinha. Podemos estar certos que eles construíram casas, plantaram jardins, comeram o seu fruto, e procuraram a paz do reino de Babilónia enquanto viveram. Excepto onde as leis da terra entravam em conflito com os mandamentos de Deus, prestaram-lhes cuidadosa e respeitosa obediência. Do mesmo modo respeitaram os seus conquistadores, evitando sempre confrontos desnecessários. Este não era tempo para grandes lutas e maravilhosas vitórias. Isso estava no passado e viria uma vez mais no futuro. Entretanto, não era tempo para o povo de Deus trazer dificuldades sobre si.

“Vi que Deus de modo algum é glorificado quando alguém de Seu povo produz um tempo de angústia para si mesmo. Há um tempo de angústia justamente diante do povo de Deus, e Ele o preparará para esse horrendo conflito.” *Testemunhos para a Igreja* 1:206.

Entretanto, não devemos sentar-nos ociosos a esperar que estes tempos venham sobre nós. Hoje enquanto ainda há oportunidade, temos que fazer todos os esforços para alcançarmos as nossas posições perante o povo numa luz correcta. O modo de proceder de Jacó quando ameaçado por um Esaú muito irado é evidenciado perante nós como um exemplo daquilo que devemos fazer.

“A noite de angústia de Jacob, quando lutou em oração para obter livramento da mão de Esaú (Génesis 32:24-30), representa a experiência do povo de Deus no tempo de tribulação. Por causa do engano praticado a fim de conseguir a bênção de seu pai, destinada a Esaú, havia Jacob fugido para salvar a vida, alarmado pelas ameaças de morte feitas por seu irmão. Depois de ficar muitos anos como exilado, pôs-se a caminho, por ordem de Deus, para voltar com as suas mulheres e filhos,

rebanhos e gado, ao país natal. Chegando às fronteiras da terra, encheu-se de terror com as notícias da aproximação de Esaú à frente de um bando de guerreiros, indubitavelmente determinado à vingança. A multidão de Jacob, desarmada e indefesa, parecia prestes a cair desamparadamente como vítima da violência e morticínio. E ao fardo de ansiedade e temor acrescentou-se o peso esmagador da reprovação de si próprio; pois que era o seu pecado que acarretara este perigo. A sua única esperança estava na misericórdia de Deus; a sua defesa única deveria ser a oração. Todavia, nada deixa da sua parte por fazer a fim de expiar a falta para com seu irmão e desviar o perigo que o ameaçava. Assim, ao aproximarem-se do tempo de angústia, devem os seguidores de Cristo fazer toda a diligência por se colocar em uma luz conveniente perante o povo, a fim de desarmar o preconceito e remover o perigo que ameaça a liberdade de consciência.” *O Grande Conflito*, 615.

A instrução dada aqui para os que do povo de Deus estiverem vivos no tempo de angústia futuro, aplicava-se com igual força aos que do povo de Deus se encontravam cativos em Babilónia. Os tempos tinham mudado, mas os princípios não. Nem eles constituíam permissão da parte dos que aceitavam e obedeciam a estas instruções abrandar a sua fiel obediência às leis de Deus. Não era permitido qualquer compromisso. Em certos aspectos, era mais difícil para eles estabelecer e manter o apropriado equilíbrio entre procurar a paz de Babilónia, e continuar a manter uma vida de justiça. Um dos grandes perigos que os judeus fiéis enfrentavam era a tendência para caminharem em direcção ao materialismo, mas pelo menos muitos dos cinquenta mil que edificaram as suas casas e jardins aparentemente escaparam a esta ameaça mortal. Se não o tivessem feito, teriam estabelecido as suas posses em Babilónia definitivamente, e não teriam regressado a Jerusalém para reconstruir a cidade e o santuário.

É triste dizer que havia muitos outros à parte dos cinquenta mil que deram maior valor à prosperidade que tinham construído do que à sua responsabilidade de servir Deus e finalizar a Sua obra.

“Graças ao favor que lhes fora mostrado por Ciro, aproximadamente cinquenta mil dos filhos do cativo tinham tirado vantagem do decreto que lhes permitia voltar. Esses, entretanto, em comparação com as centenas de milhares espalhados através das províncias da Medo-Pérsia, eram apenas um simples remanescente. A grande maioria dos israelitas tinha escolhido permanecer na terra do seu exílio, antes que enfrentar as durezas da jornada de retorno e o restabelecimento de suas desoladas cidades e lares.” {PR 306}, *Profetas e Reis*, 598.

Portanto, aqui está o Israel a quem dei a minha primeira classificação com a explicação da razão de se ouvir pouco se alguma coisa deles durante o cativo. Pela sua calma obediência ao conselho de Deus para edificar, plantar, e procurar a paz da terra, deram-nos uma ilustração de um povo religioso trabalhador, que mantinha o seu amor a Deus e a sua lealdade a Ele, enquanto esperava na obscuridade o dia da sua libertação.

Não devia haver dificuldade em ver que esta situação correspondia à nossa posição actual, enquanto esperamos pacientemente pela vinda do nosso Redentor, ao passo que contribuimos tanto quanto possível para a paz do país em que vivemos. Saliento que não é um tempo para abrandar os nossos princípios, mas pelo contrário de profundo exame, e diligente preparação para o que está a aproximar-se rapidamente. Se estivéssemos tão conscientes como devíamos de como muitos serão apanhados sem preparação e sem estarem prontos para esse dia, seríamos muito mais diligentes em assegurar o nosso chamamento e eleição.

Na segunda classificação, colocaria Ezequiel e os profetas, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias, muitos dos quais profetizaram antes do cativo ter começado completamente. Eles transmitiram mensagens de advertência e reprovação principalmente ao decadente Israel e suas nações vizinhas tal como o Egipto, Nínive, Tiro, Sidom e Edom.

Os restantes profetas foram Esdras, Neemias, Ageu, Zacarias, e Malaquias, os quais todos foram exaltados depois do cativo ter terminado. Estes homens cheios de espírito foram muito eficazes em encorajar os judeus na reconstrução do Templo, e em inspirá-los para não olharem para a apostasia mortal.

O que está relatado para a nossa aprendizagem são as principais mensagens proclamadas por estes homens, mas devemos compreender que eles fizeram muita obra pessoal, visitando, encorajando, e instruindo todos cujos corações estavam abertos para aprender as sagradas verdades. Não há qualquer registo desta obra apesar de terem usado mais tempo e esforço neste ministério por todos do que na apresentação das suas principais mensagens.

Também incluídos naqueles a que chamo a segunda classe de fiéis, estariam os sacerdotes que tanto quanto podiam sob as circunstâncias existentes, terão continuado o seu ministério divinamente apontado mesmo depois de terem sido levados para Babilónia. É verdade que o ministério anteriormente executado no templo foi interrompido devido à destruição desse edifício, mas podemos confiar na continuação do que era possível sem terem o edifício do templo.

Por exemplo, pelo menos na primeira fase do seu cativeiro, não tinham reserva de animais para o sacrifício devido à sua ida para Babilónia sem eles. Nessa altura havia a improvável permissão dos seus captores para reuniões de qualquer dimensão a fim de celebrar qualquer das suas festas anuais, por receio que as usassem para fomentar insurreições. Portanto, no melhor, terá havido um limitado sistema cerimonial em operação, enquanto no pior, absolutamente nenhum.

Pareceria que Daniel e os seus três amigos poderiam ter conseguido alguma liberdade para os homens da sua terra como resultado de terem sido colocados em elevadas posições no reino, mas não há evidência explícita de que assim aconteceu.

Voltamo-nos agora para aqueles que classifiquei na terceira classe dos transportados para Babilónia. Havia os que foram escolhidos por Aspenaz de acordo com as especificações ditadas por Nabucodonosor, cujos pormenores são como segue:

“E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos nobres,

“Mancebos em quem não houvesse defeito algum, formosos de parecer, e instruídos em toda a sabedoria, sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidades para viverem no palácio do rei, a fim de que fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus.” *Daniel* 1:3, 4.

Quantos foram, não nos é dito, mas podemos esperar que tenha sido um grande número. Prevendo que alguns seriam eliminados por não passarem o exame, podíamos esperar que o rei escolhesse mais do que necessitava no início de modo a ter o suficiente no final.

Embora o poderoso monarca não soubesse, estes eram aqueles a quem o dia de oportunidade tinha chegado para dar glória a Deus, trazerem a bênção da completa conversão do rei de Babilónia, e mais tarde serem os instrumentos para conseguirem o consentimento do rei Ciro do reino medo-persa para libertar os cativos. Mas, à excepção destes quatro, quando este dia de oportunidade chegou para estes príncipes escolhidos, não estavam preparados para ele, e isso deixou-os de mãos vazias. Nunca mais se ouviu falar deles.

Assim, voltamo-nos agora para a minha quarta classificação na qual havia apenas quatro jovens, cuja figura principal era Daniel, um jovem de dezoito anos.

“Daniel tinha apenas dezoito anos quando foi levado a uma corte pagã a serviço do rei de Babilónia; e por ser jovem, sua nobre resistência ao erro e sua firme adesão ao direito são os pontos em que mais é admirado. Seu nobre exemplo deve comunicar força aos provados e tentados, mesmo no tempo presente.” *Testemunhos para a Igreja* 4:570.

Esta é a classificação na qual necessitamos estar profundamente interessados e devemos lutar para entrar, porque, uma vez mais, os confrontos com o rei do mundo hão-de ser repetidos com os mesmos resultados de inqualificável igual sucesso para os fiéis de Deus. Aquilo que nos dias de Daniel, pareciam ser situações desesperadas, tornaram-se numa sucessão de maravilhosos triunfos sobre o mal, e dá-nos claras revelações de como o povo de Deus alcançará os propósitos divinos no confronto final com o colosso de Babilónia. Aquilo que teve lugar ali no passado será repetido embora numa escala muito maior. Será a manifestação final do homem do pecado, e a sua derrota final.

Embora a redução do Império de Babilónia à total ruína no passado não tenha sido a destruição final desse grande, rebelde, sistema anticristão, a sua completa, irrecuperável, dizimação no futuro será. Desta vez ela cairá para nunca mais se levantar para tristeza de todos aqueles que tiveram proveito com os seus crimes, mas para imenso alívio dos que vivem em justiça. Esta devastação é-nos descrita em *Apocalipse*:

“E ouvi outra voz do Céu que dizia: ‘Sai dela povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas.

“‘Porque já os seus pecados se acumularam até ao Céu, e Deus se lembrou das iniquidades dela.

“‘Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribui-lhe em dobro conforme as suas obras; no cálice em que vos deu de beber dai-lhe a ela em dobro.

“‘Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: ‘estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto.’

“‘Portanto, num dia virá as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga.’” *Apocalipse* 18:4-8.

Há a descrição do absoluto ponto máximo de apostasia que se terá desenvolvido neste ponto para além do qual não há mais profundidades de iniquidade a juntar. Isto não será manifestado apenas à escala nacional acompanhado por ruína nacional. Pelo contrário, as proporções serão globais, e a ruína resultante será universal, porque todo o ser neste planeta cujo nome não esteja escrito no livro da vida, será envolvido na completa destruição geral.

O prejuízo então sofrido por Babilónia, a Grande, estará para além de computação como será confirmado pelos negócios que sobrevirem nesse tempo:

“E os reis da Terra, que se prostituíram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem o fumo do seu incêndio;

“‘Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: ‘Ai! ai daquela grande Babilónia, aquela forte cidade! pois numa hora veio o seu juízo.’

“‘E sobre ela choram e lamentam os mercadores da Terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias:

“‘Mercadorias de ouro, e de prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore;

“‘E cinamomo, e amomo, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e cavalgaduras, e ovelhas; e mercadorias de cavalos, e de carros, e de corpos e de almas de homens.

“‘E o fruto de desejo de tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás.

“‘Os mercadores destas coisas, que com elas se enriqueceram, estarão de longe, pelo temor do seu tormento, chorando, e lamentando,

“‘E dizendo: ‘Ai, ai daquela grande cidade! Estava vestida de linho fino, de púrpura, de escarlata; e adornada com ouro e pedras preciosas e pérolas! Porque numa hora foram assoladas tantas riquezas.’

“‘E todo o piloto, e todo o que navega em naus, e todo o marinheiro, e todos os que negociam no mar se puseram de longe;

“‘E, vendo o fumo do seu incêndio, clamaram, dizendo: ‘Que cidade é semelhante a esta grande cidade?’

“‘E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: ‘Ai, ai daquela grande cidade! Na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada.’

“‘Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela.’” *Apocalipse* 18:9-20.

Este júbilo da parte do povo de Deus não será motivado por verem a completa ruína universal, e incalculável prejuízo que consome os apoiantes de Babilónia, porque, apesar de odiarem a apostasia da verdade, terão grande compaixão por aqueles que perderam tudo na batalha da vida. É o sistema

de iniquidade destruidor da alma que odeiam porque nada há no final excepto malignidade e por fim a morte. É a destruição final do sistema da corrupção que lhes dará perpétua satisfação.

Esse dia feliz está a chegar e quando tiver chegado, então podemos finalmente ir para o lar.

“E um forte anjo levantou uma pedra como uma grande mó e lançou-a no mar, dizendo: Com igual ímpeto será lançada Babilônia, aquela grande cidade, e não será jamais achada.

“E em ti não se ouvirá mais a voz de harpistas, e de músicos, e de flauteiros, e de trombeteiros, e nenhum artífice de arte alguma se achará mais em ti; e ruído de mó em ti se não ouvirá mais;

“E luz de candeia não mais luzirá em ti, e voz de esposo e de esposa não mais em ti se ouvirá; porque os teus mercadores eram os grandes da terra; porque todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias.

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra.”

*Apocalipse* 18:21-24.

Mas Babilônia, a grande, não será reduzida a permanente ruína enquanto Deus não tiver o grupo de pessoas através de quem Ele possa trazer sobre ela a irrecuperável queda. Observai as quatro classes enumeradas e descritas acima para ver qual delas tinha em si a capacidade para repelir todos os ataques transformando-os numa extraordinária derrota dos babilônios e uma vitória do Altíssimo e do Seu povo.

Olhai outra vez para ver qual dos quatro grupos avançou passo a passo até ao coração do grande rei Nabucodonosor, até este ser completamente convertido de maneira a servir o Senhor com um coração puro. Que grande foi essa queda de Babilônia, o destronar do espírito e sistema do próprio Satanás. Esta é a direcção em que Deus deseja que todas as pessoas sigam — isto é, do pecado para a justiça. Mas da glória de Babilônia governada pelo convertido Nabucodonosor, os seus filhos escolheram os caminhos da apostasia até o sistema do mal chegar ao mais profundo ponto de apostasia. A altura da justiça de Nabucodonosor brilhando no seu melhor, foi excedida pelas profundezas em que caiu o seu último rei.

*E qual das quatro classificações de Israel descritas acima foi o instrumento de Deus para pôr um fim à Babilônia do passado?*

Apesar de serem firmes e sólidos crentes, não foi a primeira classe que teve esta responsabilidade. A sua importante obra da qual muito sobreviveria para dar uma continuação da semente da justiça, isto é, construir casas e plantar jardins ao passo que evitavam confrontos com aquilo que podia ter feito com que os seus conquistadores os fizessem desaparecer da face da Terra. Tal como aconteceu, numa tentativa feita para os destruir a todos nos dias da rainha Ester.

Não minimizemos a importância da sua libertação desta responsabilidade, porque isso era importante para a obtenção da vitória final. Todos eles desempenharam o seu papel, evidentemente, mas nós procuramos a classe que no final obteve a vitória.

Não foi a classe constituída pela maioria dos profetas menores que finalizou a obra da queda dessa grande cidade, Babilônia. A sua missão era instruir os crentes de como serem bons sobreviventes.

Com certeza não podia ter sido a terceira classe, os jovens escolhidos para um trabalho especial no reino, mas que caíram ao primeiro teste que enfrentaram.

Isto deixa-nos apenas a quarta classe — Daniel e os seus três amigos, cuja vitória absolutamente incrível nos revela como Deus finalizará a total destruição do sistema do mal no fim.

Hoje, a nossa principal preocupação é de sobrevivência espiritual e material, de modo que se pertencerdes à primeira classe, fazeis bem. Se Deus vos chamou como profetas para instruir os sobreviventes, deveis fazer o melhor, mas assegurai que vós passais todo o pequeno ou grande teste, caso contrário falhareis como falharam os escolhidos em Babilônia.

O nosso confronto com o sistema babilónico apenas começou, e ainda não estamos convenientemente preparados para ficar firmes como fizeram os quatro fiéis. Quando estivermos, devemos ter adquirido todo o poder, coragem, e fidelidade exemplificada naqueles esplêndidos

quatro jovens. A nossa hora de destino está a chegar rapidamente. Estejamos completamente preparados para ela!

Alguns podem perguntar como concluímos que quatro almas fiéis puderam efectuar a queda total da antiga Babilónia? Em vez disso, podiam afirmar que isto foi a obra dos exércitos da Medo-Pérsia. Do ponto de vista exterior isto é verdade, mas há princípios envolvidos que precisam ser compreendidos.

Um dos princípios importantes é que o evangelho nunca vos deixa exactamente como vos encontrou. Se ele falha em libertar-vos do pecado, endurecer-vos-á, não suavizará.

“Que os pastores e todo o povo se lembrem de que a verdade do evangelho condena, quando ela não salva. A rejeição da luz coloca as pessoas num cativeiro, prendendo-as com as cadeias das trevas e da descrença. ‘A pessoa que se recusa a escutar dia a dia os convites da misericórdia, cedo poderá ouvir os mais urgentes apelos sem que uma emoção lhe agite o coração.’” *Testemunhos para a Igreja* 5:681.

Quanto mais poderosa for a presença do Espírito Santo no evangelho, mais rápido é o declínio na pessoa ou na nação que ousa resistir ao seu poder.

Assim aconteceu no caso da Babilónia antiga. Temos ainda que aprender quão verdadeiramente grande foi o incrível poder espiritual possuído por Daniel e seus três amigos. Quando compreendermos isso, veremos porque é que o reino sobreviveu apenas setenta anos, ao passo que os impérios mundiais que se seguiram duraram muito mais.

### ***O verdadeiro Israel podia ser dividido em quatro grupos:***

#### **Primeiro grupo:**

O corpo principal com os seus membros espalhados por toda a cidade e nação.

#### **Segundo grupo:**

Os sacerdotes que tanto quanto podiam sob as circunstâncias existentes, terão continuado o seu ministério divinamente apontado mesmo depois de terem sido levados para Babilónia.

#### **Terceiro grupo:**

Os que foram escolhidos por Aspenaz de acordo com as especificações ditadas por Nabucodonosor.

#### **Quarto grupo:**

Apenas quatro jovens, cuja figura principal era Daniel, um jovem de dezoito anos.

# Capítulo 3

## As Duas Babilónias

---

**É**a verdade de Deus que o Paraíso não pode ser readquirido enquanto Babilónia, e Babilónia, a Grande, não deixarem de existir. Tal como Daniel e os três fiéis enfrentaram o poderoso rei que nos seus dias tinha escolhido agir pelos princípios babilónicos, assim devemos nós enfrentar as multidões que nestes últimos dias serão identificadas como Babilónia, a Grande. A vitória que Deus uma vez mais alcançará será do mesmo modo tão completa, convincente, e permanente, como o perfeito triunfo alcançado por Deus através dos Seus instrumentos escolhidos para pôr fim à Babilónia antiga. Nós somos chamados para o reino exactamente para um tempo como este, e não podemos escapar ao nosso encontro com o destino, a menos que morramos primeiro, ou entreguemos a nossa confiança à verdade.

Qual é, pode ser perguntado, a diferença entre Babilónia como ela era no tempo de Daniel, e Babilónia, a Grande?

A primeira diferença a ser notada é que enquanto Babilónia tem ocupado toda a história do passado e do presente, Babilónia, a Grande, ainda está no futuro e aparece nestas profecias que nos informam quanto aos próprios acontecimentos finais da história da humanidade. Este é o grande poder anticristão, que antes do grande segundo advento de Cristo, será o último esforço de Satanás para tentar ser bem-sucedido na derrota do governo de Deus, e o estabelecimento dele próprio e do seu governo no lugar que pertence ao Altíssimo em que apenas Deus tem o poder de ocupar.

De acordo com a minha concordância bíblica digital, há somente duas referências em toda a Bíblia em que este título aparece. Ambas são no *Novo Testamento* e ambas estão em *Apocalipse*, onde são localizadas nas profecias dos capítulos 17 e 18. Aqui estão esses versículos:

“E na sua testa estava escrito o nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÓNIA, A MÃE DAS PROSTITUIÇÕES E ABOMINAÇÕES DA TERRA.” *Apocalipse* 17:5.

“E depois destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a Terra foi iluminada com a sua glória.

“E clamou fortemente com grande voz, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilónia, e se tornou morada de demónios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível.’” *Apocalipse* 18:1, 2.

A primeira destas Escrituras descrevem o julgamento da grande prostituta cujo nome é, a Grande Babilónia. Ela não está de modo algum sozinha, porque é a mãe das prostituições e abominações da Terra. Com uma avaliação destas, não há lugar para ela na ordem divina. Pelo contrário, foi mostrado a João o seu carácter mau como destruidora do povo de Deus, a que matou os santos do Altíssimo. Aqui está o seu testemunho:

“E vi uma mulher que estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração.” *Apocalipse* 17:6.

Se não houvesse nada mais, este esforço da parte dela demonstra de que lado estará no conflito entre o bem e o mal, entre Deus e Satanás. Ninguém terá qualquer dificuldade em discernir a resposta, porque é demasiado evidente. Claramente, ela é o grande inimigo de Deus e do homem, que está determinado a qualquer custo destruir tudo o que é recto, justo e verdadeiro. Ela está inteiramente entregue à rebelião contra Deus, e determinada a desenvolver a desobediência e a estimular a apostasia.

Ela é ilustrada sentada numa besta selvagem com sete cabeças e dez chifres, significando assim o apoio universal que recebe dos poderes civis. A besta representa as autoridades civis de todas as nações, língua, e povo cujos vastos recursos e poderes de longo alcance estarão ao dispo para perseguir, identificar e tentar infligir vingança sobre o justos. Não haverá lugar para o povo de Deus se esconder, nem refúgio permanente, e, no final, nenhuma protecção das leis humanas.

Os dez chifres simbolizam os dez maiores grupos religiosos que existirão nessa altura e os poderes civis que os apoiam. Todos estes darão a sua força à mulher quando ela por fim sair com ilimitada fúria para fazer guerra ao Cordeiro e a Deus na pessoa dos Seus santos.

Embora o povo de Deus tenha o mundo virado contra si, e embora pareça que Deus os abandonou e que estão quase a selar o seu testemunho com o seu sangue, será ainda a prostituta, Babilónia, a Grande, que sofrerá a derrota da qual nunca mais se levantará. Isto é ilustrado na repentina inversão do destino da mulher apóstata nestas palavras:

“E os dez chifres que viste na besta são os que aborrecerão a prostituta, e a porão desolada e nua, e comerão a sua carne, e a queimarão no fogo.

“Porque Deus tem posto em seus corações que cumpram o seu intento, e tenham uma mesma ideia, e que dêem à besta o seu reino, até que se cumpram as palavras de Deus.

“E a mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da Terra.” *Apocalipse* 17:16-18.

Deus, no infinito amor e misericórdia, não deixou o Seu povo ser apanhado de surpresa mas revelou esta futura conspiração da parte de Babilónia, a Grande, para os destruir. Ele fez isto através da segura palavra da profecia sobre a garantia que:

“Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.” *Amós* 3:7.

Em consequência desta divina provisão, os filhos de Deus que aproveitam estas graças, são da luz, não das trevas, e nunca precisam ser apanhados de surpresa tal como Paulo escreveu na sua primeira carta aos Tessalonicenses:

“Mas, irmãos acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva;

“Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite;

“Pois que, quando disserem: ‘Há paz e segurança;’ então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.

“Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda, como um ladrão;

“Porque, todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

“Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios.” *1 Tessalonicenses* 5:1-6.

Tão seguramente como Babilónia, a Grande, está a levantar-se para o seu maravilhoso, aparentemente invencível dia de glória final, assim Deus fará soar a Sua advertência com poder cada vez maior aos povos de todo o mundo. Isto é profeticamente ilustrado por outro anjo vindo do Céu tendo grande autoridade, e por cujo ministério os povos de todo o mundo terão a oportunidade de serem salvos dos enganos dela e colocarem-se do lado do Senhor.

Já, Deus enviou três anjos com as suas advertências contra a adoração da besta e da sua imagem, mas mesmo apesar de terem sido enviados a todo o mundo, e embora constituíssem as mais terríveis denúncias jamais dirigidas contra os desobedientes, foram largamente rejeitados. Tal como foi nos dias de Noé.

“O Senhor em Sua grande misericórdia, não traz juízos sobre a Terra sem dar aviso aos seus habitantes pela boca dos seus servos. Diz o profeta Amós, ‘Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas.’ Amós 3:7. Quando a iniquidade dos antediluvianos o levou a trazer o dilúvio sobre a Terra, ele primeiramente fez saber o Seu propósito, para que tivessem a oportunidade de abandonar os seus maus caminhos. Durante cento e vinte anos soou aos seus ouvidos o apelo ao arrependimento, senão a ira de Deus seria manifesta na sua destruição. Mas a mensagem pareceu-lhes uma história ilusória, e não creram nela. Da incredulidade passaram ao escárnio e desprezo, ridicularizando a advertência como altamente

improvável, indigna da sua atenção. Encorajados pela sua impiedade, zombaram do mensageiro de Deus, desprezaram os seus apelos, acusando-o mesmo de presunção. Como se atreve um homem a enfrentar todos os grandes homens da Terra? Se a mensagem de Noé era verdadeira, porque não viu todo o mundo e creu nela? A declaração de um homem contra a sabedoria de milhares! Eles não deram crédito às advertências, nem procuraram abrigo na arca.” *The Spirit of Prophecy* 4:208, 209.

Tal como foi nessa altura, assim será no dia em que aquilo que foi predito há tanto tempo realmente aconteça. Verificarão então que, embora possam ignorar, ridicularizar, e tratar como sendo de nenhum efeito as advertências enviadas através dos mensageiros escolhidos por Deus, serão incapazes de argumentar contra os próprios acontecimentos. Acerca desse dia está escrito:

“E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande Babilónia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira.” *Apocalipse* 16:19.

Enquanto o título, Babilónia, a Grande, aparece apenas duas vezes nas Escrituras, o equivalente, Grande Babilónia, é também registado duas vezes, uma vez em *Daniel*, e uma em *Apocalipse*. A Grande Babilónia em *Daniel* é um reino diferente do citado em *Apocalipse*, mas o mesmo nome é usado para indicar os mesmos princípios de operação.

O espírito de auto-suficiência é a característica de Babilónia. É a manifestação do problema do coração do grande conflito entre Cristo e Satanás. O inimigo, Lúcifer, determinou instituir uma nova ordem de governo em que ele reservaria para si próprio a posição ocupada por Cristo. Fazer isto era impossível, porque lhe faltavam as qualificações necessárias que eram, entre outras, aquela em que ele teria a natureza do Criador e da criatura. Isto era necessário porque, qualquer que ocupasse a posição de Cristo, teria que ter completo acesso a Deus, o Pai, por um lado, e por outro ser um com as criaturas.

Contudo Satanás considerou que tinha realizado o seu propósito egoísta e expressou a convicção para este efeito através do rei de Babilónia, quando este declarou as suas convicções nestas palavras: “Falou o rei, e disse: Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para glória da minha magnificência?” *Daniel* 4:30.

Todavia, ele não ganhou a supremacia sobre Deus, nem alguma vez alcançará tal ambição. Isto é muito bom para nós porque, se ele alcançasse isto, seria à custa de certa, total separação de Deus o Dador da vida, o que evidentemente seria a morte. Ninguém pode sobreviver a completa separação da grande Fonte da vida.

Nós, os que enfrentarmos este mistério da iniquidade da mesma maneira como os quatro jovens hebreus enfrentaram o poderoso rei do mundo, devemos compreender em que sentido a Grande Babilónia é chamada grande, quando os seus princípios de operação são idênticos aos da antiga Babilónia. A resposta é que é uma questão de escala, intensidade, e competência. A escala será global, a intensidade será a mais elevada, e a competência a mais sofisticada possível depois de seis mil anos dos mais profundos estudos científicos que podem ser alcançados. Ela é muito hábil na aproximação das vítimas que pretende. A sua política é aproximar-se primeiramente com um procedimento bondoso daqueles que ainda não a suportam na sua procura da supremacia sobre o mundo. Mas quando isso falha, toda a arma de compulsão é lançada contra a vítima condenada, com o ultimato — submeter ou perecer, conformar ou morrer.

“Prova e perseguição virá a todos os que, em obediência à Palavra de Deus, recusam adorar o falso sábado. Força é o último recurso de toda a falsa religião. No princípio ela tenta a atracção, como o rei de Babilónia tentou o poder da música e manifestação exterior. Se estas atracções, inventadas pelos homens inspirados por Satanás, falharam em fazer os homens adorar a imagem, as furiosas chamas da fornalha estavam prontas para os consumir. Assim será agora. O Papado tem exercido o poder para compelir os homens a obedecer-lhe, e assim continuará a ser. Nós necessitamos do mesmo espírito que foi manifestado pelos servos de Deus no conflito contra o paganismo. Ao fazer um relato do tratamento dos cristãos dado pelo imperador de Roma, Tertuliano diz, ‘Nós somos lançados às feras para fazer-nos retratar; somos queimados nas chamas; somos

condenados à prisão e às masmorras; somos banidos para ilhas, — tal como Patmos, — e tudo tem falhado.’ Assim foi no caso dos três nobres hebreus; os seus olhos apenas olhavam para a glória de Deus; as suas almas estavam firmes; o poder da verdade segurava-os firmemente à sua aliança com Deus. É apenas pelo poder de Deus que somos capazes de lhe ser leal.” *The Signs of the Times*, 6 de Maio de 1897.

Isto não significa que estes característicos e atitudes são manifestados por Babilónia sempre e em todos os lugares, porque isto não seria verdade, embora eles estejam sempre presentes. Há períodos em que o seu poder em certa medida tem sido quebrado. Durante estes tempos, ela tem apresentado uma aparência agradável perante o mundo, e permanece submissa enquanto readquire a sua força. Isto está ela a fazer presentemente, na crença que o seu dia de oportunidade virá outra vez.

Além do mais, é demasiado limitado identificá-la com uma pessoa em particular, organização evangélica, ou nação, porque estes são apenas aqueles que lhe dão suporte, sem os quais ela deixaria de existir. Ela é o ponto mais alto da rebelião contra Deus e Seu povo, e não deixa qualquer meio por tentar a fim de os eliminar. Por vezes parece que conseguiu com sucesso este vil propósito, mas embora cada matança contra o povo de Deus pareça mais do que suficiente para chegar aos seus malignos intentos, eles levantam-se mais livres, fortes, e mais iluminados do que em todas as campanhas levadas contra eles. Quanto mais decidida e vigorosamente Babilónia faz guerra contra a igreja, mais fraca se torna. Uma leitura da primeira à última página do exame da história como o que se encontra em *O Grande Conflito* confirmará isso.

No grande dia de contas final, será por fim visto realmente que:

“E nela se achou o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na Terra.” *Apocalipse* 18:24.

Que terrível acusação é acusar da culpa de assassínio de todas as pessoas que jamais viveram incluindo o próprio Salvador. O pior aspecto desta terrível matança está no facto que o primeiro alvo de Satanás é o povo do Senhor que é totalmente isento do merecimento deste tratamento. Esta ira é dirigida contra aqueles a quem Cristo ordena:

“Ide; eis que vos mando como cordeiros ao meio de lobos.” *Lucas* 10:3.

Naturalmente e correctamente, esperamos que Babilónia, a Grande, seja muito mais da mesma coisa que Babilónia é. A nossa identificação deste grande poder, Babilónia, a Grande, é algo mais do que esperamos que Babilónia seja, e assim devíamos esperar. No passado tem havido uma sucessão de característicos que se adequavam ao carácter de Babilónia e devotados aos seus objectivos. O primeiro deles revelou-se a si mesmo quando Caim matou o seu irmão numa violenta expressão de perseguição religiosa. Depois do Dilúvio, surgiu a Torre de Babel levantada como uma manifestação de desafio contra o Deus do Céu. Ela foi destinada a apresentar a noção que os homens podiam resolver todos os seus problemas sem a referência a Deus.

Quando essa obra má se desfez, a Babilónia desse tempo caiu, para nunca mais se levantar.

Naqueles dias, o deus do sol era exaltado como o reincarnado Ninrode referido em *Génese* 10:8-10.

“E Cusí gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra.

“E este foi poderoso caçador diante da face de Senhor; pelo que se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor.

“E o princípio do seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calné na terra de Sinar.”

Nos dias de Daniel, o poderoso, poder conquistador chamado “Babilónia” construiu a sua capital nas margens do rio Eufrates. Aparentemente, era inexpugnável e invencível, mas numa noite caiu, para nunca mais se levantar. Assim seguiu-se a Medo-Pérsia, Grécia, Roma, o Papado, e Igrejas Protestantes caídas que também são Babilónia, como está escrito:

“As igrejas denominacionais caídas são Babilónia.” *The Review and Herald*, 12 de Setembro de 1893.

A verdade que está agora a ser apresentada aqui é que todas as sucessivas quedas individuais aconteceram cada uma por sua vez às forças designadas de um ou outro modo como sendo

“Babilónia”. Por causa de estarem separadas pelo tempo e lugar umas das outras, nenhuma tinha o direito de ser chamada, “Babilónia, a *Grande*”, mas, assim que se juntarem numa grande, universal, confederação do mal, todas desenvolvidas ao elevado ponto de cultura e aprendizagem satânica e humana e todas se unam num propósito comum, nomeadamente, desafio ao governo e autoridade divinos, então “Babilónia, a Grande” muito certamente se terá levantado e estabelecido.

Que essa confederação de todas as forças do maligno poder das trevas altamente desenvolvidas está a ser organizada é-nos revelado nos escritos sagrados dos quais estudaremos mais em profundidade e pormenor mais tarde. Entretanto, aqui estão alguns desses relatos do que mesmo agora se está a desenvolver:

“Estes têm um mesmo intento, e entregarão o seu poder e autoridade à besta.

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão os que estão com Ele, chamados, e eleitos, e fiéis.” *Apocalipse* 17:13, 14.

“Haverá um vínculo de união universal, uma grande harmonia, uma confederação das forças de Satanás. ‘E dará o seu poder e força à besta.’ Assim se manifesta o mesmo poder arbitrário e opressivo contra a liberdade religiosa, a liberdade de adorar a Deus segundo os ditames da consciência, como foi manifestado pelo papado, quando no passado perseguia aqueles que ousavam recusar a conformar-se com os ritos e cerimónias religiosas do romanismo.

“Na guerra que será travada nos últimos dias estarão unidos, em oposição ao povo de Deus, todos os poderes corruptos que apostataram da lealdade à lei de Jeová. Nesta guerra o sábado do quarto mandamento será o grande ponto de controvérsia; pois o mandamento do sábado, o grande Legislador se identifica como o Criador dos Céus e da Terra (MS 24, 1891).” *The S.D.A. Bible Commentary* 7:983.

Assim somos informados que todos os poderes corruptos que têm apostatado da verdade, do serviço leal a Deus se unirão quando saírem na sua guerra contra Deus e Seu povo na grande confrontação final entre as forças da luz e as forças das trevas. O facto é que todas as pessoas, todo o princípio empresarial, todo o tipo de organização, etc. que não está do lado de Deus é uma apostasia da verdade. Não há excepção a esta regra. Ninguém apostata de alguma coisa excepto da verdade de Deus. Isto só pode significar que o mundo inteiro estará aliado contra nós. Quando a grandeza destas forças combinadas se tornarem visíveis para nós, apreciaremos melhor quão grande é a tarefa que está perante nós.

Evidentemente que as próprias pessoas que constituíram as várias Babilónias do passado, não estarão presentes neste campo de batalha final, porque elas há muito que deixaram de estar no campo de acção, mas deixaram atrás de si a acumulação de mais e mais ideias babilónicas, princípios e conceitos aos quais todas as gerações passadas com os seus avanços na aprendizagem acrescentaram as suas terríveis contribuições.

Mesmo a própria casa do tesouro de Satanás com aumentadas capacidades cresceu consideravelmente. Considerai isto à luz do testemunho que se segue:

“O grande conflito entre o bem e o mal aumentará de intensidade até mesmo ao final do tempo. Em todas as épocas a ira de Satanás se tem manifestado contra a igreja de Cristo; Deus tem concedido a Sua graça e Espírito ao Seu povo para o fortalecer na resistência ao poder do maligno. Quando os apóstolos de Jesus Cristo estavam para levar o Seu evangelho ao mundo e registá-lo para todas as épocas futuras, foram especialmente dotados da iluminação do Espírito. Mas, à medida que a igreja se aproxima do seu livramento final, Satanás deverá agir com maior poder. Desce, tendo ‘grande ira, sabendo que já tem pouco tempo’ (Apocalipse 12:12). Operará ‘com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira’ (2 Tessalonicenses 2:9). Durante seis mil anos aquele espírito superior, que já fora o mais elevado dentre os anjos de Deus, tem estado inteiramente entregue à obra de engano e ruína. E toda a profundidade da perícia e astúcia satânica, adquirida durante as lutas seculares, toda a crueldade desenvolvida, serão postas em acção contra o povo de Deus, no conflito final. E neste tempo de perigo, os seguidores de Jesus devem levar ao mundo a advertência do segundo advento do Senhor; e deverá preparar-se um povo para estar em pé diante d’Ele na Sua

vinda, ‘imaculados e irrepreensíveis’ (2 Pedro 3:14). Neste tempo, a concessão especial de graça e poder divinos, não é menos necessária à igreja do que nos dias apostólicos.” {GC 11}, *O Grande Conflito*, 14, 15, (Publicadora Atlântico, 1975, (Portugal).)

Presentemente então, todas as forças babilónicas estão tranquilas mas eficientemente juntando os seus recursos na preparação para o seu confronto final com as forças da luz e da verdade. Em muitos casos, elas nem estão conscientes das suas próprias estratégias, e não compreendem para onde estão a ir, mas sob a supervisão de Satanás estão apesar de tudo a caminhar para esse fim. O testemunho que se segue é uma revelação a este respeito:

“A Palavra de Deus deu aviso do perigo iminente; se este for desatendido, o mundo protestante saberá quais são realmente os propósitos de Roma, apenas quando for demasiado tarde para escapar da cilada. Ela está silenciosamente crescendo em poder. As suas doutrinas estão a exercer influências nas assembleias legislativas, nas igrejas e no coração dos homens. Está a erguer as suas altaneiras e maciças estruturas, em cujos secretos recessos se repetirão as anteriores perseguições. Sorrateiramente, e sem despertar suspeitas, está aumentando as suas forças para realizar os seus objectivos ao chegar o tempo de dar o golpe. Tudo que deseja é a oportunidade, e esta já lhe está sendo dada. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do romanismo. Quem quer que creia na Palavra de Deus e a ela obedeça, incorrerá por esse motivo em censura e perseguição.” *O Grande Conflito*, 580.

Assim então, Daniel enfrentou Babilónia, mas nós estamos enfrentando Babilónia, *a Grande*. Por causa daquilo que ele passou como pioneiro ou descobridor, a nossa missão será de algum modo melhor definida, e, pela segura palavra da profecia, compreenderemos melhor o que nos espera. Estou certo que Daniel e os seus três nobres amigos não compreenderam o real significado da sua posição, tal como mais tarde, Daniel não compreendeu as profecias que estava a receber pela Divina Inspiração.

“Honrado pelos homens com as responsabilidades de Estado e os segredos de reinos que tinham alcance universal, Daniel foi honrado por Deus como Seu embaixador, sendo-lhe dadas muitas revelações dos mistérios dos séculos por vir. Suas maravilhosas profecias, tais como registadas por ele nos capítulos sete a doze do livro que traz o seu nome, não foram inteiramente compreendidas mesmo pelo próprio profeta; mas antes que findassem os labores de sua vida, foi-lhe dada a abençoada certeza de que ‘no fim dos dias’, isto é, na conclusão do período da história deste mundo, ser-lhe-ia permitido outra vez estar na sua posição e lugar. Não lhe fora dado compreender tudo o que Deus tinha revelado do divino propósito. ‘Fecha estas palavras e sela este livro,’ foi-lhe ordenado quanto aos escritos proféticos; estes deviam ser selados ‘até ao fim do tempo.’ ‘Vai, Daniel,’ o anjo ordenou uma vez mais ao fiel mensageiro de Jeová, ‘porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim.... Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias.’ Daniel 12:4, 9 e 13.” {PR 278}, *Profetas e Reis*, 547.

Deus, sabendo verdadeiramente que a apostasia de Israel traria tal ruína que mesmo a população seria levada de Judá para Babilónia, planeou transformar o desastre numa grandiosa bênção. Ele usaria toda a situação como um paralelo educacional para ensinar aqueles que de nós, sobre quem o fim do mundo está a chegar, exactamente como nos relacionarmos com a Babilónia dos últimos dias.

“As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes homens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir o Seu propósito.” *Educação*, 57.

À medida que estes estudos continuarem, aprenderemos algo do que são estas grandiosas verdades, mas entretanto que inspiração é ver o poderoso inimigo vencido por Daniel no passado e pelas suas contrapartidas no futuro.

Esta batalha contra Babilónia, a Grande, será uma luta que terminará todos os conflitos em que os homens jamais estiveram envolvidos por qualquer razão, e em particular aqueles que foram destinados a reforçar a religião de um homem ou outra. Todas as Babilónias do passado caíram, os

dias de Daniel estão passados, e agora Babilónia, a Grande, está a crescer até ao domínio universal. A sua guerra não será dirigida contra o homem, mas contra Deus e Seus santos. O conflito será terrível, e chegará perto de estar perdido, mas as forças da justiça prevalecerão. Contudo, saiba-se que Deus não submeterá as Suas forças à batalha enquanto elas não estiverem verdadeiramente preparadas, até Ele saber que elas triunfarão!

A história de Daniel e seus três amigos é um livro de estudo do mais alto valor para aprender como mandar Babilónia, a Grande, como uma grande mó de moinho para o fundo do mar. Quando esse acontecimento chegar, rejubilaremos com a alegria eterna sabendo que o nosso inimigo está para sempre afastado de nós, e Cristo é Rei para todo o sempre.

# Capítulo 4

## A Presença Interior do Espírito Santo

---

**P**ela implantação da Sua semente divina, Cristo habita no crente e isto é a esperança da glória. Para alcançar isto, todos os agentes do Céu combinam a sua sabedoria e forças para assegurar que aqueles que o fazem, possam ter a certeza da vida eterna. Um desses grandiosos poderes é a terceira Pessoa da Divindade, o Espírito Santo. Ele desempenha uma parte tão essencial na salvação do homem como o próprio Salvador.

Das três Pessoas da Divindade, o Espírito Santo é aquele de quem menos se nos fala. Jesus Cristo, em virtude do facto de ter vindo habitar visivelmente entre os homens é Aquele de quem sabemos mais. O Seu Pai é também nosso conhecido por causa da maravilhosa manifestação que Cristo deu d'Ele. Mas, o Espírito Santo permanece largamente envolvido em mistério, tanto que muitos perguntam se Ele é de facto uma Pessoa. Pensam n'Ele como apenas o poder real de Deus, uma força que emana do Eterno Pai.

Portanto é essencial, que no início de qualquer estudo acerca do Espírito Santo, se aprenda tanto quanto foi revelado em relação a Ele, enquanto cuidadosamente se evita qualquer especulação nas áreas em que Deus ainda não nos deu luz.

O estudo das revelações divinas do Espírito Santo deve começar com aquelas que estabelecem quem Ele é. Embora os escritores bíblicos em nenhum lugar digam que Ele é uma Pessoa, de modo tão directo, dizem-no, sob inspiração divina, atribuindo-Lhe capacidades que apenas podem ser possuídas por uma pessoa.

Está escrito que Ele foi contristado, entristecido, agradado:

“Mas eles foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo;” *Isaías* 63:10.

“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção.” *Efésios* 4:30.

“Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós, não vos impor mais encargo algum, se não estas coisas necessárias.” *Atos* 15:28.

Está também escrito que Ele é capaz de falar, e chamar ou dar missões:

“E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: ‘Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado.’” *Atos* 13:2.

“Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios.” *1 Timóteo* 4:1.

Ele guia, ouve, mostra, convence, ensina, testifica, e concede dons espirituais particularmente a muitos homens de acordo com a Sua vontade.

“Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, Ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de Si mesmo mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há-de vir.” *João* 16:13.

“E, quando Ele vier convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo.” *João* 16:8.

“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” *João* 14:26.

“Mas, quando vier o Consolador, que Eu da parte do Pai vos hei-de enviar, aquele Espírito de verdade, que procede do Pai, Ele testificará de Mim.” *João* 15:26.

“Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.” *1 Coríntios* 12:11.

Se o Espírito Santo fosse o poder de Deus emanado de Si mesmo, não seria dotado de todas estas capacidades, pois o poder por si só não é inteligente. A electricidade, por exemplo, é um poder que vem de Deus, mas, porque não é uma pessoa, não pode pensar, ser entristecido, ensinar, ouvir, dirigir, ou exercer uma vontade.

Uma pessoa existe quando há três capacidades presentes. Uma é o poder físico; a segunda é a inteligência, juntamente com o poder da razão e exercício da vontade; e a terceira é uma natureza emocional com capacidade para se alegrar, entristecer, ficar desapontado, etc. Tudo pode ser testado por estas simples linhas de orientação. Como já foi mencionado, a electricidade é um poder, mas não tem inteligência nem emoções. Portanto, não é uma pessoa.

Os animais têm poder e emoções, mas estão privados do poder real da razão. Por isso, também não são pessoas. Os homens têm as três faculdades, poder, inteligência, e emoções, e por conseguinte, são pessoas.

Não há dificuldade em determinar em que categoria as Escrituras colocam o Espírito Santo. Possuindo poder infinito, inteligência ilimitada, e as melhores emoções, Ele é inquestionavelmente a terceira Pessoa da Trindade celestial. É por esta razão que Ele é constantemente referido como “Ele”. O nome “Consolador”, como aplicado ao Espírito Santo está sempre na forma masculina e nunca neutra como aconteceria se o Espírito Santo fosse apenas um poder e não a poderosa terceira Pessoa da Divindade. Os testemunhos seguintes confirmam a verdade das afirmações atrás:

“Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste; em nome destes três grande poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súbditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.” *Evangelismo*, 615.

“Precisamos reconhecer que o Espírito Santo, que é tanto uma Pessoa como o próprio Deus, está andando por esses terrenos.” *Evangelismo*, 616.

“O Espírito Santo é uma pessoa, pois dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus. Uma vez dado esse testemunho, traz consigo mesmo sua própria evidência. Em tais ocasiões acreditamos e estamos certos de que somos de Deus. ...

“O Espírito Santo tem personalidade, do contrário não poderia testificar ao nosso espírito e com nosso espírito que somos filhos de Deus. Deve ser também uma pessoa divina, do contrário não poderia perscrutar os segredos que jazem ocultos na mente de Deus. ‘Por que, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.’” *Evangelismo*, 616, 617.

Enquanto é plenamente revelado na Bíblia e Espírito de Profecia que o Espírito Santo é uma pessoa, nenhuma informação é dada sobre a Sua natureza. Obviamente, sendo um Deus com poder criador, não estaria alojado em carne e sangue criada como Adão e Eva no Éden, mas o que Ele é em natureza por outro lado não nos é dado a conhecer.

“A natureza do Espírito Santo é um mistério. Os homens não a podem explicar, porque o Senhor não lhes revelou.” {AA 28}, *Atos dos Apóstolos*, 52.

Tendo estabelecido a partir de fontes adequadas das Escrituras que o Espírito Santo é tanto uma pessoa quanto Deus é uma pessoa, pode agora ser dada consideração à obra deste Todo-Poderoso Ser em relação a Cristo que habita no crente como sua esperança de glória. Aqui é onde grande cuidado deve ser tomado para assegurar que as claras distinções envolvidas sejam nitidamente vistas pelo estudante da Bíblia. A exacta e eficaz compreensão da mensagem está sempre dependente de ver as coisas que são diferentes ainda que chamadas pelo mesmo nome. Isto nunca foi tão necessário como neste caso.

Antes que a luz sobre Cristo, a Semente, chegasse até nós, a ênfase da presença interior no crente estava no Espírito Santo, não em Jesus. Certos conceitos foram formados sobre o que isto significava. Acreditava-se que o Espírito Santo entrasse no coração de alguma maneira misteriosa e permanecesse até que um pecado fosse cometido, após o que Ele imediatamente desocupava o que errava, e não regressava até que o pecado fosse arrependido e apagado da vida.

Quando a atenção era dada à implantação da vida de Cristo dentro dos filhos de Deus, esta mesma ilustração era levada a cabo, porque se pensava que a presença interior de Cristo e o Espírito Santo eram uma e a mesma coisa. Isto levou à conclusão que a divina vida de Cristo está em nós apenas enquanto estamos livres de pecado conhecido, mas deixa-nos quando transgredimos. Estes conceitos levam alguns a rejeitar o princípio da semente e, por sua vez a separar-se daqueles que acreditam nele.

Não há dúvida sobre o facto de que o Espírito Santo deve preencher o crente e permanecer nele, nem que o pecado na vida afligirá essa presença. Há muitos testemunhos nas Escrituras que dizem que os homens estão cheios do Espírito e com estes já estamos familiarizados. No dia de Pentecostes, por exemplo, está escrito que:

“E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.” *Atos* 2:4.

Acerca de João Baptista foi profetizado que “Será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe.” *Lucas* 1:15.

Jesus estava cheio do Espírito Santo quando “foi levado pelo Espírito ao deserto” para ser tentado por Satanás, *Lucas* 4:1, e há numerosas referências aos apóstolos como cheios do Espírito Santo quando saíram depois da ressurreição de Cristo para proclamar o evangelho ao mundo. Durante o vindouro alto clamor os crentes, cheios do Espírito Santo de novo avançarão e nada os deterá.

Porém, antes que alguém possa ser cheio do Espírito Santo e assim ser equipado para o serviço eficaz, uma importante obra preliminar deve ser feita. O Espírito Santo não pode habitar em qualquer pessoa enquanto primeiramente não operar no exterior. É pelo Seu poderoso ministério que o indivíduo primeiro chega ao conhecimento da salvadora verdade e, por sua vez, é trazido à profunda convicção dos seus pecados, que leva ao arrependimento e confissão, e depois à remoção da sua iniquidade e implantação da divina semente de Cristo.

Por conseguinte, o Espírito Santo desempenha um papel do agricultor que quebra o solo endurecido do coração, prepara-o para a semente de Cristo, e depois implanta essa semente dentro do arrependido. O Espírito Santo em Si mesmo não é o Dador da semente, pois esta é tarefa de Jesus Cristo. A distinção deve ser mantida muito claramente em mente – Cristo, o Dador da semente; o Espírito Santo, o Implantador. “O Espírito Santo vem ter com a alma como Consolador. Pela transformadora influência de Sua graça, a imagem de Deus se reproduz no discípulo; torna-se uma nova criatura.” {DTN 271}, *O Desejado de Todas as Nações*, 373.

Esta é a experiência do novo nascimento e é uma repetição da encarnação de Cristo como E.J. Waggoner observou: “Nisto vemos o mistério da encarnação aparecendo novamente. Se podemos acreditar que Cristo estava na carne, Deus encarnado em Cristo, podemos acreditar nisto - Cristo habitando em nós e trabalhando através de nós - através da nossa carne, exactamente como quando Ele tomou carne sobre Si e a controlou. É um mistério que não podemos entender; mas conhecemo-lo.” *Estudos Bíblicos Sobre o Livro de Romanos*, 55, 56. Edição de Destiny Press, Novembro de 1981, e edições posteriores.

Assim na encarnação de Cristo, é dada uma maravilhosa revelação do papel do Espírito Santo na implantação da semente de Cristo no crente. A Maria foi comunicado o poderoso ministério do Espírito e essa comunicação foi o dom que lhe foi dado da vida do próprio Cristo. Foi uma demonstração viva da verdade que “A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo.” {DTN 568}, *O Desejado de Todas as Nações*, 769. A obra realizada pelo Espírito Santo na encarnação de Cristo é a mesma obra executada por Ele na experiência do novo nascimento.

Maria foi informada previamente da obra que o Espírito Santo operaria dentro dela. Um anjo disse-lhe: “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a Sua sombra; pelo que também o Santo que de ti há-de nascer, será chamado Filho de Deus.” *Lucas* 1:35.

No cumprimento destas palavras, Maria foi cheia com o Espírito Santo que lhe foi transmitido, e em consequência do Seu grandioso ministério, Cristo nasceu dela no tempo certo. Isto prova que a

comunicação do Espírito não é em si mesma a vida real de Cristo, mas que esta comunicação do Espírito é o poderoso agente pelo qual a vida de Cristo é implantada no crente.

O Espírito Santo é uma pessoa distinta e separada de Jesus Cristo, se bem que sejam um em espírito, carácter, e objectivos. Portanto, se o Espírito Santo tivesse vindo a Maria e implantasse a Sua própria vida nela, o filho não teria sido Cristo como foi; teria sido o Espírito Santo. A simples lei da reprodução confirma que assim seria, pois cada dador de semente reproduz-se conforme a sua própria espécie. Uma nova vida não começou quando Cristo nasceu em Belém, pois a mesma divina pessoa, que esteve com o Pai eterno e o Espírito Santo desde a eternidade, nasceu de Maria. A única pessoa que podia ser o Pai nessa encarnação era o próprio Cristo. Por outras palavras, Ele era o Seu próprio Pai. Se o Espírito Santo fosse o Pai, em vez de ser o implantador de semente, então o Espírito Santo, a terceira pessoa da Divindade, e não Cristo a segunda pessoa teria andado visivelmente entre os homens e teria sido crucificado pelos pecados deles.

“O mistério de Cristo ser o Seu próprio Pai foi proposto por Cristo aos ensinadores judeus do Seu tempo e provou ser algo que não podiam compreender nem explicar.

“E, estando reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus.

“Dizendo: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Eles disseram-Lhe: De Davi.

“Disse-lhes Ele: Como é então que Davi, em espírito, Lhe chama Senhor, dizendo:

“Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-Te à Minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés.

“Se Davi pois Lhe chama Senhor, como é seu filho?

“E ninguém podia responder-Lhe uma palavra: nem desde aquele dia ousou mais alguém interrogá-l’O.” *Mateus* 22:41-46.

Davi chamou a Jesus, Senhor, e Isaías chamou-Lhe, Pai Eterno, o que é a mesma coisa. Davi devia tudo quanto tinha ao Seu Criador, mas Jesus Cristo, incluindo o dom da vida, contudo, o Salvador obteve o Seu corpo humano desta fonte. Portanto, do lado físico, Ele era Seu Pai. Porém, o mais importante, é que a vida divina que Cristo abrigava nesse corpo através do ministério do Espírito Santo, era também Sua. Era a implantação de Si mesmo num corpo terrestre.

Satanás, que é um estudante extremamente diligente do plano de salvação, demonstrou a sua compreensão destas verdades fazendo uma inteligente falsificação delas no desenvolvimento dos mistérios da antiga Babilónia. Pouco depois do dilúvio, Satanás recrutou os serviços de um poderoso e orgulhoso caçador cujo nome era Ninrode e que foi brevemente mencionado em *Génesis* 10:8-10. À morte deste homem, que tomou lugar no auge da sua carreira, foi ligado um grande significado. Foi relatado que ele se ofereceu a si mesmo como sacrifício para salvar o sistema Babilónico da destruição, e todos foram avisados que se não reverenciassem o herói morto, terrível destruição cairia sobre eles. Tão grande foi a veneração mostrada ao homem morto, que se tornou uma coisa simples exaltá-lo nas suas crenças religiosas até ao nível de um deus.

Naqueles dias, os homens olhavam o sol como a suprema fonte de vida, de modo que nenhuma melhor deificação podia ser melhor acordada do que ser ele chamado deus-sol. Alguns anos depois da sua morte, sua esposa, Semiramis, que não se tornou a casar, ficou grávida de uma criança que nasceu eventualmente em 25 de Dezembro, o feriado agora conhecido como o Natal. Obviamente, a criança era ilegítima, mas para escapar a esta acusação e para glorificar ainda mais Ninrode, foi com sucesso proclamado que o deus-sol era o verdadeiro pai da criança que recebeu o nome de Tamuz. Foi a contrafacção de Satanás da encarnação real que viria mais tarde na qual é mostrada que a vida se sustém apenas pela união do divino com o humano, o Criador com a criatura, a Fonte com o dependente recebedor. O sistema babilónico não pode dar vida, pois o sol não é uma fonte. É um recebedor que apenas pode dar aquilo que antes lhe fora dado.

A contrafacção não acabou meramente com a atribuição da paternidade de Tamuz ao morto Ninrode. Foi ensinado que Tamuz era uma encarnação real de Ninrode, que a criança era portanto o seu próprio pai e o marido de sua própria mãe. Ninrode e Tamuz, foi declarado, eram uma e a mesma pessoa.

Não havia a menor verdade nisto, evidentemente. Algum homem vivo era o verdadeiro pai de Tamuz, mas é claro ver que poderosa contrafacção era esta da vindoura encarnação de Cristo, na qual aquilo que era inventado nos enganos de Satanás era verdadeiro no caso de Cristo. As contrafacções de Satanás estão tão próximo da verdade que é impossível distinguir a diferença entre elas e a realidade excepto pelo testemunho das Escrituras e pelo ministério do Espírito Santo.

As promessas de vida de Satanás são de facto um caminho de morte, mas não é assim com os projectos de Deus. Eles são na verdade o caminho para a existência eterna e felicidade perfeita.

Tão certamente então, como a pessoa reproduzida em Maria pelo ministério do Espírito Santo era Jesus Cristo, assim, quando Cristo, a esperança da glória, entra em nós, é Ele e não o Espírito Santo que foi implantado.

A distinção é muito importante, tanto que, o Senhor providenciou símbolos muito claros para esclarecer o assunto. Um é o símbolo do casamento no qual Cristo é o marido divino da nossa humanidade e o pai da nossa natureza divina.

“Porque o Teu Criador é o Teu marido; o Senhor dos exércitos é o Seu nome; e o Santo de Israel é o Teu Redentor; Ele será chamado o Deus de toda a terra.” *Isaías* 54:5.

Jesus Cristo é o Criador, aquele por quem o Altíssimo fez os mundos e por quem Ele os mantém e guia momento a momento. Portanto, Ele, sendo o Criador, é aquele que é referido neste versículo como o Marido do crente. Paulo refere-se a Cristo nesta capacidade em algumas referências. Em *Romanos* 7:4, declara que nós devemos ser “...doutro, daquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus.”

De novo, isto indica claramente quem é o Marido, pois há apenas uma pessoa que foi ressuscitada dos mortos para ser nosso Marido, e este é Jesus Cristo. O Espírito Santo nunca podia ser o Marido com quem temos que casar, porque Ele, nunca havendo tomado a caída, pecaminosa, mortal carne e sangue, nunca morreu, e portanto, nunca ressuscitou dentre os mortos. Há uma diferença entre encher a humanidade com a Sua presença como faz o Espírito Santo, e ser casado como Jesus é. Para experimentar o último, uma pessoa tem que se tornar a si mesma num ser humano como Cristo fez, mas isto o Espírito Santo nunca foi chamado a fazer.

A lei do casamento que é igualmente válida tanto no campo espiritual como no físico, e dentro das justas limitações em que habitam tanto Cristo como o Espírito Santo, proíbe a implantação de semente fora do casamento. Cristo, devido ao Seu casamento com a humanidade, tem o pleno direito de Se reproduzir a Si mesmo dentro do crente. O Espírito Santo, embora tenha o direito de encher o cristão com a Sua presença e poder, não tem o direito de impregnar o filho de Deus com a Sua própria vida.

É num sentido muito específico que pode ser dito que “A comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo.” {DTN 568}, *O Desejado de Todas as Nações*, 769.

Esta verdade é aplicável tanto ao ministério do Espírito no novo nascimento como no subsequente desenvolvimento da vida de Cristo dentro do justo.

No novo nascimento, como já foi demonstrado, quando o Espírito Santo é comunicado ao arrependido, Ele implanta, não a Sua própria vida, mas a semente de Cristo. Porque Ele é o implantador da semente, a vida de Cristo nunca podia ser semeada dentro dos filhos de Deus sem o Seu ministério.

Para compreender a aplicação deste testemunho na experiência diária, deve ser dada consideração ao simbolismo usado para explicar a obra do Espírito Santo. Ele é comparado ao vento na conversação de Cristo com Nicodemos, ao azeite na parábola das dez virgens, ao fogo no dia do Pentecostes, e à chuva no símbolo da chuva temporã e serôdia. Este último símbolo, da chuva, revela a forma pela qual o Espírito Santo opera o desenvolvimento da vida de Cristo dentro do crente.

“No Oriente a chuva temporã cai no tempo da sementeira. Ela é necessária, para que a semente possa germinar. Sob a influência de fertilizantes aguaceiros, brota tenro rebento. Caindo perto do fim da estação, a chuva serôdia amadurece o grão, e o prepara para a foice. O Senhor emprega essas operações da Natureza para representar a obra do Espírito Santo. Como o orvalho e a chuva são

dados primeiro para fazer com que a semente germine, e então para amadurecer a colheita, assim é dado o Espírito Santo para levar avante, de um estágio para outro, o processo de crescimento espiritual. O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser aperfeiçoada no carácter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.” *Testemunhos para Ministros*, 506.

Quando o agricultor lança a semente à terra, ela é sepultada no solo no qual estão os nutrientes que permitirão o seu crescimento até à completa maturidade e produção de fruto, mas o alimento da planta permanece sem valor para a semente sem a chuva. É apenas quando a humidade suficiente está presente que o alimento no solo começa a transformar-se dissolvendo-se e pode ser absorvido.

Do mesmo modo, ninguém pode tirar qualquer crescimento de vitalidade das Escrituras sem o ministério primeiramente da chuva temporã e finalmente a serôdia. Qualquer que tente receber a corrente de vida da santa Palavra de Deus sem as bênçãos da chuva temporã e serôdia está tentando o impossível.

Quando a chuva se combina com a boa qualidade no solo e a solução é absorvida pela planta, na verdade ela se incorpora nas fibras da vegetação em crescimento. A vida está sendo transmitida à estrutura viva e em consequência ela cresce e por fim produz fruto. Agora a chuva transformou-se de facto numa árvore. A comunicação da vida de um tornou-se a vida do outro. A chuva não está a desenvolver a sua própria vida mas qualquer vida que venha da semente que está a regar. Se a semente for a semente de um abeto, então é essa a vida que se desenvolve. Se for a semente de uma laranja então é uma laranjeira que cresce, etc. Alguém pode argumentar que a água é apenas um veículo pelo qual os nutrientes são transportados para o local onde se formam as células, mas, apesar de isto ser verdade até certo ponto, não deve ser esquecido que uma célula viva é feita de uma boa proporção de água.

Do mesmo modo, a chuva suave do Espírito Santo enche a vida do crente, misturada com os nutrientes encontrados nas Sagradas Escrituras, até que se torna literalmente parte de nós mesmos. Todavia, a vida que se está a desenvolver é a vida que cresce da semente, cuja semente é Cristo. O Espírito Santo implanta a Sua própria vida no cristão momento a momento, mas essa vida é transformada na vida de Cristo. Portanto, é verdade que “a comunicação do Espírito é a transmissão da vida de Cristo.” Para compreender isto é apenas necessário manter em mente as leis da natureza e aplicá-las no mundo espiritual como no físico.

Cristo é a Semente; o Espírito Santo é a chuva. Pelo recebimento do bem-aventurado ministério do Espírito, essa vida nele cresce vigorosamente até à completa maturidade.

Uma vez que o crente tenha recebido a vida de Cristo, tem em si a vida eterna, embora ainda não a certeza absoluta de que viverá eternamente, pois, se ele falhar em satisfazer as condições da expiação final pela confissão e afastamento de todo o pecado conhecido, perderá essa vida eterna e será privado de entrar no Céu. O ponto importante é que o cristão não perde a vida de Cristo que é a vida eterna, quando comete um pecado. Se assim fosse, então teria necessidade de ser baptizado todas as vezes que transgredisse um mandamento de Deus.

Porém, quando um crente comete pecado, perde a presença do Espírito Santo e não pode recebê-lo de volta até que tenha havido arrependimento e afastamento do pecado.

Há uma diferença então entre a presença do Espírito Santo que ocupa o templo do corpo, e a vida de Cristo na alma. A primeira é a Chuva; a última é a Semente. Deve ser sempre recordado que, apesar de Cristo em vós ser a esperança da glória, isto só se torna uma realidade quando o Espírito Santo realiza o ministério que Lhe está determinado.

# Capítulo 5

## O Simbolismo de Certos Números na Bíblia

---

**A**ntes de deixarmos o estudo das evidências que identificam exactamente quem era o Melquisedeque<sup>2</sup> que se encontrou com Abraão e o abençoou, precisamos de considerar o notável simbolismo de certos números na Bíblia. Estou a referir-me em particular aos números 6, 7, 12, 13, e 666. A informação contida nestes números confirma para além de dúvida que Enoque, depois de trasladado, recebeu o seu especial, pessoal, novo nome — Melquisedeque.

Começaremos pelo estudo do número 666 de *Apocalipse* 13:11-18.

“E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão,

“E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe tinha permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

“E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

“E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas;

“Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.” *Apocalipse* 13:11-18.

Vendo que este misterioso número está no livro das coisas reveladas, podemos descansar no facto que o número 666 pode ser segura e correctamente interpretado. Assim é, mas não antes de esclarecer o disparate da falsa interpretação.

Comecemos por ver o que ele não é.

A interpretação comum toma o nome que o Papa de Roma deu a si próprio, isto é, Vicarius Filii Dei, que significa, “o Vigário do Filho de Deus” — e soma os valores numéricos a cada letra do nome em latim. Assim V=5, I=1, C=100, I=1, U=5, I=1, L=50, I=1, I=1, D=500, e I=1. A soma destes números é exactamente 666.

Tudo isto é tão próprio e conveniente que é tudo o que é necessário para satisfazer aqueles que falham em testar com profundidade a interpretação que parece estar tão obviamente correcta mas que, de facto, está totalmente errada.

Sabemos que o número é, 666, mas qual é a besta aqui referida, e qual é o seu nome?

---

<sup>2</sup> Publicado em “*The Messenger and News Review*, Janeiro a Setembro de 1990, Sob o título “Orai Por Chuva Serôdia” (Parte 50 a 58) “Ordem Evangélica”, (Parte 18 a 26).

Consultai os artigos em: <https://jfernandesblog.wordpress.com/2018/07/13/melquisedeque/>

Ela é a besta que se levanta depois da besta de *Apocalipse* 13:1-10. Esta besta anterior é o papado que obteve o poder em 538 D.C. e reinou durante 1260 anos, primeiramente com crescente, e depois decrescente autoridade, até a chaga mortal ser administrada em 1798. Este poder é representado pela besta composta de um leopardo, um urso, e um leão como está escrito:

“E pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas e sobre as suas cabeças um nome de blasfémia.

“E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.” *Apocalipse* 13:1, 2.

Não somos deixados em dúvida quanto à besta ser o papado, porque ela é declarada assim no Espírito de Profecia:

“No capítulo 13 (vers. 1-10), descreve-se a besta ‘semelhante ao leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande poderio’. Este símbolo, como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano. Declara-se quanto à besta semelhante ao leopardo: ‘Foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfémias.... E abriu a sua boca em blasfémias contra Deus, para blasfemar do Seu nome, e do Seu tabernáculo, e dos que habitam no Céu.

“E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.’ Esta profecia, que é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado.” *O Grande Conflito*, 437.

Mas, apesar do facto de tantos terem ligado a cabeça do papado ao número 666, esta não é a besta da qual se declara o 666 ser “o número do seu [da besta] nome;” e “o número da besta”. Pelo contrário, é a besta que se segue à besta papal a que o número 666 está ligado.

Esta é a besta que tinha chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas que mais tarde fala como o dragão. Ela levanta-se *depois* da besta papal descrita em *Apocalipse* 13:1-10, e é referida como a imagem da besta. Ela é o instrumento que faz com que todo o mundo “adore a primeira besta, cuja chaga mortal foi curada”. Ela consegue isto fazendo grandes sinais e maravilhas que enganam os habitantes da Terra levando-os a levantarem “uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia”. Uma vez que isto tenha sido alcançado, aqueles que recusam reconhecer a autoridade universal desta besta, serão perseguidos, é-lhes recusado o direito de comprar e vender, e por fim serão sentenciados à morte.

Esta besta é o símbolo dos Estados Unidos da América como é plenamente declarado nestas palavras: “Uma nação, e apenas uma, satisfaz às especificações desta profecia; esta aponta insofismavelmente para os Estados Unidos da América do Norte.” *O Grande Conflito*, 439.

“Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a inflição de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.... A ‘imagem da besta’ representa a forma de protestantismo apóstata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas.” *O Grande Conflito*, 444.

Assim a imagem da besta é positivamente identificada como sendo o protestantismo apóstata apoiado pelas autoridades e poder dos Estados Unidos da América. Este poder ainda não fez esta imagem à besta, mas o tempo não está longe para que tudo isto será realizado.

O ponto deste estudo é que é a esta besta, e não à besta papal, que o número 666 se refere.

Não havia dúvida acerca disto na mente de James White que escreveu: “Este último poder que ameaça os santos é revelado em *Apocalipse* 13:11-18. O seu número é 666.” *A Word to the Little Flock*, 9.

Qual é o poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18, cujo número é 666? É o papado com o Papa de Roma à cabeça cuja chaga mortal foi curada?

Não! Esse poder é exposto em *Apocalipse* 13:1-10.

O poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18 é o cordeiro com chifres semelhantes aos de um cordeiro que se seguiu à besta papal e é de novo conhecido como a Imagem da Besta. *O seu número é 666.*

Em todo o Espírito de Profecia apenas fui capaz de localizar uma referência ao 666, e não dá qualquer apoio à interpretação que liga o número 666 ao Papa designado pelo próprio nome, nem o papado como um todo ou em parte. Em vez disso, o testemunho claramente declara que 666 é o número da imagem da besta. Isto foi mostrado em visão:

“Vi que todo aquele que ‘não recebesse a marca da besta, e da sua imagem, nas suas testas ou nas suas mãos’, não podia comprar ou vender. Vi que o número (666) da imagem da besta foi formado; e que foi a besta que mudou o sábado, e que a imagem da besta a havia seguido desde então, e manteve o sábado papal e não o de Deus. E tudo aquilo que se exigia que fizessemos, era abandonar o sábado, e guardar o do Papa, e então podíamos ter a marca da besta, e da sua imagem.” *A Word to the Little Flock*, 19.

Os acontecimentos descritos neste parágrafo estavam ainda muito no futuro quando aquelas palavras foram escritas, e ainda estão. A razão para terem sido escritas no presente é porque o profeta foi levado à frente em visão a um tempo em que estas coisas aconteceriam. Para ele, nessa posição, tinham que se tornar presente e descreveu-as de acordo com isso.

Este testemunho confirma duas coisas que estão intimamente relacionadas.

A primeira é que 666 é o número da imagem da besta, e a segunda é que quando o decreto de comprar e vender for posto a circular, então o número 666 terá sido formado. Sendo assim, o número 666 nunca podia ser o número da besta papal porque, quando essa besta esteve no poder entre 538 e 1798, o número 666 não estava formado, nem estará até às fases finais da batalha com a besta e sua imagem. Até lá, o número não existe senão em profecia.

Uma vez que isto tenha sido estabelecido como foi agora, esse número 666 pertence à imagem da besta, e não ao papado, a interpretação em que o valor numérico das letras num nome somam 666, prova ser inválida.

É verdade que o número 666 pode ser encontrado no título papal, *Vicarius Filii Dei*, como foi demonstrado anteriormente neste capítulo. Também pode ser encontrado num nome Ellen Gould White como se segue L=50, L=50, O=0, U=5, L=50, D=500, W=10, I=1. O total deste número é exactamente 666. As letras, E, N, G, H, e T, não têm valor numérico em latim.

Deste modo, se este sistema de interpretação fosse usado, então Ellen G. White continha o número da besta e do seu nome, e por conseguinte, juntamente com o Papa, é a besta. Nós sabemos que isto nunca pode ser verdade, porque ela sem dúvida, foi profetiza de Deus, e como tal, estava em completa oposição à besta e à sua imagem.

Além disso, se este sistema em que os valores numéricos de um nome é a forma correcta para determinar o significado do número 666, então o nome da imagem da besta, que é Protestantismo Apóstata, deve também conter esse misterioso número. Mas não. Há apenas duas letras em todo o nome com valor numérico e são I e M. I=1, e M=1000, fazendo um total de 1001, que está longe de 666.

Nem ele pode ser encontrado no nome “Estados Unidos da América”, o valor numérico do qual é 1607.

Há uma objecção muito conclusiva quanto ao uso do valor do título, “*Vicarius Filii Dei*,” para identificar aquele cujo número é 666. Esse nome, que sendo traduzido, significa “O Vigário do Filho de Deus”, não é, em quaisquer circunstâncias, o título dos pontífices papais. Eles não são, nem alguma vez serão, os representantes de Deus na Terra. Esse não é o seu nome. Pelo contrário, eles representam a obra-prima do engano de Satanás, os inimigos de Deus e do homem. Portanto, 666 não é o número desse nome, não importa quanto possa parecer, porque é um título que eles atribuíram a si próprios a fim de desviarem a atenção dos seus verdadeiros nomes. Os seus nomes são: “Babilónia”; “O Homem do Pecado”; “O Filho da Perdição”; “Anticristo”; “A Mãe das Prostituições e Abominações na Terra”; etc.

Há aqueles que, embora acreditem sinceramente que o sistema papal é o anticristo e a abominação desoladora, ao mesmo tempo ensinam que o 666 é o número daqueles que assumem esse título assumido por si próprios: “Vicarius Filii Dei”. É evidente que o povo não compreende as implicações da posição que tomou, porque, se aceitassem esse título como seu nome, tinham que admitir que ele é de facto o vigário ou representante do Filho de Deus na Terra. Essa posição apenas podia ser correctamente ocupada por designação divina, e a indicação teria que recair na verdade num verdadeiro cristão, e não num anticristo que será de facto a imagem da besta.

Tendo demonstrado a forma incorrecta de interpretar 666, voltamos agora a nossa atenção para a verdade deste assunto.

Para fazer isto, é necessário voltar ao Antigo Testamento para encontrar onde o número primeiramente começou a ser formado e a revelação na Escritura deste desenvolvimento. Este é um salutar e válido procedimento porque: “No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.” {AA 326}, *Atos dos Apóstolos*, 584, 585.

Portanto, tão certo como encontrarmos o 666 completamente desenvolvido em *Apocalipse*, podemos estar certos que encontraremos o começo desse crescimento nos primeiros dias da grande rebelião. Como obtenção duma compreensão e explicação do aparecimento desse que no fim se tornaria um 666 completamente amadurecido, Deus deu a Israel leis que se destinavam a protegê-los desse temível poder simbolizado pelo número 6, 66, e 666. Esse estatuto é encontrado em *Êxodo* 21:1-6 e lê-se como se segue:

“Estes são os estatutos que lhes proporás:

“Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá forro, de graça.

“Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sairá sua mulher com ele.

“Se seu senhor lhe houver dado uma mulher, e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá só com seu corpo.

“Mas se aquele servo expressamente disser: ‘Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair forro:’

“Então seu senhor o levará aos juízes, e o fará chegar à porta, ou ao postigo, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e o servirá para sempre.” *Êxodo* 21:1-6.

Quando os hebreus agiam segundo os requisitos desta lei, Deus designou que eles vissem a aplicação da mesma lei a toda a história do grande conflito. Ele semelhantemente espera que nós vejamos mais nisto do que uma instrução limitada aos judeus. Devemos compreender o resultado da determinação do homem para colocar os seus semelhantes numa cruel, perpétua servidão, e as limitações que Deus tinha imposto nesta disposição.

Os seis anos de escravidão que os escravos hebreus eram compelidos a servir, apontam para os seis mil anos durante os quais a família humana como um todo tem servido sob a escravidão do pecado. O facto é que há exactamente seis mil anos entre o início da escravidão do homem e o seu fim.

Esta atribuição de seis mil anos para a escravidão é revelada pelo facto que haverá mil anos de total repouso para a Terra entre a segunda e a terceira vinda de Cristo. Tão seguramente como haverá mil anos de repouso, assim haverá seis mil anos de inquietação e servidão. Há uma lista numerosa de testemunhos para confirmar isto, da qual escolherei dois.

Descrevendo a situação tal como ela será no segundo advento de Cristo, está escrito que: “Seis mil anos esteve em andamento o grande conflito; o Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em conflito com o poder do maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos fizeram sua decisão; os ímpios uniram-se completamente a Satanás em sua luta contra Deus. Chegado é o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que fora conculcada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O Senhor tem contenda com as nações;’ ‘os ímpios entregará à espada.’” {GC 656}, *O Grande Conflito*, 653.

“Durante seis mil anos Satanás tem lutado para manter posse da Terra.” {PP 243}, *Patriarcas e Profetas*, 353.

Saber que seis mil anos passaram entre a queda do homem no pecado, e o regresso do nosso Rei vindouro, não dará a alguém a capacidade para estabelecer o tempo do segundo advento. Isto acontece porque ninguém sabe exactamente quanto tempo passou desde que Adão e Eva transgrediram, porque não foi guardado um completo e exacto registo do tempo. Contudo, podemos estar certos que o tempo é agora muito curto.

Não devemos negligenciar o facto que Deus é o Legislador que limitou o período de servidão a seis anos no tipo, e a seis mil anos no antítipo. Ele decretou a limitação do tempo durante o qual a opressão pode reinar, e por isto podemos estar verdadeiramente gratos.

No final do período estipulado, era oferecida a liberdade aos servos, mas, ele não era forçado a aceitá-la. Se ele amasse o seu senhor e a sua mulher e os filhos que o seu senhor lhes tinha dado, podia escolher a permanência na servidão. Se escolhesse esta opção, nunca mais podia sair livre mas tinha que permanecer como escravo para sempre. Para identificar isto, uma marca visível era colocada nele, furando-lhe a orelha. Não era na forma de um seis, mas era o símbolo dele, para que todo o que visse o furo soubesse que ele tinha servido seis anos e depois havia escolhido ficar escravo para sempre.

Isto mostra o facto que, embora Deus tivesse estabelecido um tempo limite ao opressor, ninguém era forçado a sair em liberdade. Todo o que quisesse podia permanecer em servidão eternamente.

Mas a questão é:

— Por que razão a escolha entre liberdade perpétua e uma escravidão sem fim é dada no final do período de seis mil anos, e não no início deles.

Embora pareça que os escravos fazem a sua escolha pela liberdade ou escravidão permanente no final dos seis anos de serviço, de facto este ponto de tempo é realmente apenas o momento de ratificar a decisão que ele já havia tomado antes. Em termos práticos, nenhum escravo sonhava chegar ao final dos seis anos e subitamente despertava para tomar uma decisão de ficar escravo ou partir. Ele teria antecipado esse momento e já teria tomado a sua decisão antes disso. Semelhantemente, toda a humanidade terá tomado a sua decisão para liberdade ou escravidão permanente antes de chegar ao final dos seis mil anos à oportunidade de tomar a decisão. O final dos seis mil anos apenas fixa permanentemente as decisões que todos já tomaram anteriormente.

Mas, devíamos considerar durante algum tempo o propósito, benefícios, e necessidade dos simbólicos seis anos de escravidão tal como eles se relacionam com todo o indivíduo que alguma vez viveu ou viverá.

Há uma diferença muito importante entre o homem antes dele entrar em escravidão, e o homem depois de a ter experimentado por si próprio. Isto é também verdade apesar de Adão e Eva terem sido continuamente ensinados por Cristo e pelos Seus anjos auxiliares, sobre o que seria uma existência servil. Eles e os seus filhos deviam aprender pela mais amarga, dolorosa, experiência pessoal que conhecer a escravidão é, muito, muito mais do que saber acerca dela.

Para as tornar menos capazes de tomarem uma decisão duradoura, Satanás ali estava para confundir as coisas tanto quanto pudesse. Ele fazia parecer que uma vida sob a sua “gentil orientação” era muito mais preferível do que o “severo controlo” de Deus. Ele fez o mal parecer tão atraente que devia ser desejado acima de tudo o que Deus pudesse oferecer. Em consequência, Adão lançou a raça humana numa vida de servidão ao pecado; uma aprendizagem que todos são capazes de obter em primeiro lugar pela experiência directa, sobre o monstruoso engano que foi praticado sobre ele. Se, quando Satanás lhe conquistou o acesso, ele tivesse compreendido a miséria de uma vida de escravidão tão claramente como compreendeu quando a viveu, nunca teria dado ouvidos ao diabo por um instante. Quão rapidamente ele lamentou do mais profundo da sua alma, a triste escolha que fez.

“A vida de Adão foi de tristeza, humildade e contrição. Quando deixou o Éden, o pensamento de que ele deveria morrer fazia-o estremecer de horror. Pela primeira vez teve ciência da realidade da

morte na família humana, quando Caim, seu primogênito, se tornou o assassino de seu irmão. Cheio do mais profundo remorso pelo seu pecado, e duplamente despojado pela morte de Abel e rejeição de Caim, Adão prostrou-se com angústia. Testemunhou a corrupção que vastamente se propagava, a qual deveria finalmente determinar a destruição do mundo por um dilúvio; e, posto que a sentença de morte pronunciada contra ele por seu Criador tivesse a princípio parecido terrível, contudo, após contemplar quase durante mil anos os resultados do pecado, compreendeu que havia misericórdia da parte de Deus ao dar fim a uma vida de sofrimento e tristeza.” {PP 243}, *Patriarcas e Profetas*, 78, 79. Vede também *The Signs of the Times*, 6 de Fevereiro de 1879.

Assim Adão provou por si próprio a realidade da vida como ela é sob o governo de Satanás. Ele não esperou até ao final dos seis mil anos para fazer a sua escolha a favor do benigno governo de Deus. Mesmo assim, apesar dele entretanto se arrependeu profundamente, ter sido perdoado e libertado do domínio do senhor do pecado, ainda continuou sujeito ao último inimigo, a morte, e não entrará na sua herança prometida até os seis mil anos estarem terminados. Então, por causa de ter escolhido ser livre de acordo com os termos e condições estabelecidas por Deus, será livre para sempre.

Todavia, estranhamente, muito poucos na proporção das multidões de homens que viverão na Terra por altura da segunda vinda de Cristo, terão escolhido sair livres. Isto é assim porque eles amam o seu senhor, o diabo, e as coisas materiais que ele lhes deu, como simbolizado pelas mulheres e filhos na lei típica.

Quando uma pessoa faz a sua escolha de permanecer na escravidão do pecado, tem que levar a marca dessa escolha. É a marca do número seis que é o número do tempo de provação do homem. Quando na Bíblia é estipulado um tempo de graça, será normalmente verificado que ele é uma unidade de seis ou múltiplos dele. O tempo de graça ligado com o dilúvio nos dias de Noé ilustra este ponto muito bem. Noé nasceu 600 anos antes do dilúvio, e alertou para a sua vinda durante 120 anos. O próprio dilúvio destruiu o mundo 1656 anos depois da queda de Adão e Eva. Cada um destes períodos é múltiplo de seis.

A marca do número seis que era um furo feito na orelha, era visível a todos os que a procuravam, mas a sua contrapartida antitípica não é algo que possa ser visto pelo olho natural mas é um sinal espiritual do qual falarei um pouco mais tarde. Apesar de invisível pelo olho natural, é contudo uma marca muito real.

Até agora neste estudo, a aplicação do número seis foi limitado apenas ao indivíduo e sua chegada ao ponto de decisão. Apesar desta ser uma linha de pensamento válida, carece de uma mensagem mais ampla revelada no estatuto dado a Israel que aponta para o futuro para o dia em que os 6000 anos terminarão e todos forem obrigados a confirmar a escolha que fizeram. Quando esse tempo chegar por fim, o número 666 será totalmente formado.

O desenvolvimento do número 666 até ao ponto em que estiver completamente formado é obra de milénios. Ele começou com a entrada do pecado, e terminará quando todo o mundo liderado pela Imagem da Besta adorar a besta cuja chaga mortal foi curada. Quando chegar esta crise final, toda a pessoa sobre a Terra deve, *ao mesmo tempo*, ter escolhido ficar em perpétua servidão sob o domínio do seu antigo senhor, ou aceitar a vida eterna e liberdade do lado de Deus. Ninguém poderá ficar neutro ou indeciso.

Todavia, esta não será a primeira vez na história em que todas as pessoas da Terra, *ao mesmo tempo*, terão sido incapazes de evitar a decisão mais importante da vida, pois, quando o dilúvio se aproximava, todo o mundo foi trazido a um ponto espiritual crítico, o resultado do qual foi que oito entraram na arca e os restantes ficaram no exterior.

As multidões que tomaram a sua decisão contra a ida em liberdade fizeram-no, não meramente baseados naquilo que lhes fora dito acerca da vida em servidão, mas em face daquilo que aprenderam sobre ela através da observação e experiência pessoal. Mas eles amavam o seu senhor, o diabo, e as coisas agradáveis que ele lhes dava, assim escolheram a escravidão em vez da liberdade, e o serviço ao eu e Satanás em lugar da lealdade a Deus. Quando tomaram essa decisão final e receberam a

marca do número 6, renunciaram à sua liberdade para sempre, e passaram para a eterna escravidão sob o domínio impiedoso do pecado quando o dilúvio os levou no frio abraço.

As poderosas forças do Céu não se sentaram e esperaram que as multidões da Terra chegassem à sua decisão colectiva, mas puseram em prática todo o esforço para dissuadir os homens do trágico rumo em que eles tinham colocado os seus pés. É importante notar que durante o período que levou ao dilúvio, foi o Pai Eterno que foi revelado à raça humana nos dedicados esforços do Céu para salvar aquelas pessoas.

Quando o esforço falhou, Jesus Cristo foi enviado como demonstração seguinte do amor redentor. Ele veio para revalidar essa lei que limitava o domínio do senhor do escravo e oferecia a liberdade perpétua àqueles que escolhessem aceitá-la.

Uma vez mais, através do ministério de Cristo e dos discípulos cheios de Espírito, todo o mundo foi trazido a um ponto de decisão, em que, outra vez, apenas um pequeno remanescente escolheu a liberdade oferecida. A hora da decisão não estava tão ligada a um dia específico como foi nos dias de Noé, mas todo o mundo estava envolvido.

Agora chegamos a um ponto importante na formação do número 666. O ponto é que aqueles que tomaram a decisão nos dias de Cristo foram muito mais responsáveis do que aqueles que fizeram a sua escolha nos dias de Noé. Isto é assim porque os antediluvianos estavam pisando terreno novo. Embora vissem os efeitos do pecado nas vidas das pessoas dos vários povos, nunca viram os efeitos catastróficos de uma simultânea e global rejeição de Deus. Para eles não tinha havido um precedente. Para eles, faltava essa salvaguarda.

Mas não foi assim, na situação existente quando Cristo e os inspirados apóstolos trouxeram o mundo ao dia da decisão. Eles tinham o testemunho dos efeitos catastróficos da escolha feita por aqueles que viveram antes deles. Isto significa que, quando em face de tais evidências o povo dos dias de Cristo e dos apóstolos escolheram a servidão em vez da liberdade, estavam a declarar que, se tivessem vivido antes de vir o dilúvio, ter-se-iam unido às multidões. Portanto, sobre eles repousava o número seis pelo qual os homens eram marcados nos dias de Noé. Isto é mais confirmado por Jesus quando disse: “Aquele que Me aborrece, aborrece também a Meu Pai.” *João* 15:23.

Mas mesmo antes de Jesus vir, eles já tinham escolhido o primeiro número 6 ao rejeitarem o Pai como Ele foi apresentado nos escritos do Antigo Testamento. A sua condição apostatada no tempo de Cristo é a prova positiva de que eles não estavam fazendo melhor do que os seus pais antediluvianos e com menos razão.

Mas isso não era tudo. Depois de rejeitar o Pai, eles estavam confrontados com o que fazer com o Filho, o que lhes trouxe a mesma oferta que o Pai, mas com um apelo muito mais poderoso e convincente do que era possível no tempo de Noé. Portanto, além de receber a marca do número seis ao duplicar o pecado dos antediluvianos, também receberam o seu. Assim, a composição do número 666 avançou para 66 com a rejeição do Pai e do Filho.

Depois disto, o único Mensageiro que resta para trazer a misericordiosa oferta de liberdade é o Espírito Santo que em breve deverá manifestar-se no poder da chuva serôdia à escala mundial. Com terrível poder Ele contestará os esforços do senhor do pecado para manter os homens em escravidão eterna, e tão furiosa será a batalha a ser travada, em que todos os homens, mulheres e crianças de todo o mundo serão forçados a tomar a sua decisão pessoal. Mas nenhum o fará na ignorância da rejeição do Pai nos dias anteriores ao dilúvio, e do Filho quando Ele veio pela primeira vez. O Espírito Santo, como só Ele pode, tornará o assunto tão claro que todo verá por si mesmo a verdadeira natureza das duas grandes rejeições globais que já aconteceram no passado, e o que significará acrescentar a terceira e última preferência pela eterna escravidão em lugar da perpétua liberdade.

Os poderes das trevas se esforçarão desesperadamente para manter a humanidade em cativeiro, mesmo para o selarem os santos para sempre nos seus túmulos. A Imagem da Besta, como já vimos, usará todos os dispositivos e medidas que puder para alcançar a supremacia neste tempo.

Incrivelmente, uma vez mais apenas uns poucos aceitarão a liberdade, mostrando o restante um amor pelo seu mestre e pelos dons que ele lhes deu, que será mais forte do que a própria vida.

Quando estes, sob o comando da besta e sua imagem, se decidirem pela escravidão eterna, receberão a marca do seu próprio número seis. Fazendo assim demonstram a sua aprovação da decisão que levou ao dilúvio, pelo qual eles também receberam o mesmo número seis. Isto também ratifica a decisão tomada pela geração que rejeitou Cristo e os Seus mensageiros apostólicos. Por causa disto, eles também receberão esse seis.

Assim eles chegarão ao seu dia final de destino e decisão possuindo já o número 66, e tendo apenas que acrescentar o seu próprio número 6, com o qual fazem por fim o número 666.

O número não é algo no falso título que o Papa de Roma tenha reclamado para si próprio, mas é a designação simbólica dos homens que, em face de todas as evidências da história do passado, têm escolhido nunca mais serem livres. Sobre todo o homem, mulher, e criança que escolha a escravidão em vez da liberdade quando a besta e a sua imagem estiverem violentando a Terra, esse número será a marca.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

O homem do pecado tem feito o seu melhor para esconder esse número da vista dando uma falsa interpretação que, se aceite, desvia a mente da genuína verdade da questão.

Mas não é preciso ir muito longe no engano satânico desta falsa religião para descobrir o 6, 66, e 666 hábil, mas não seguramente escondido da vista. Estes números são encontrados na antiquíssima adoração do sol que continuará até ao fim do tempo, e que está no coração da falsa religião. É por esta razão que a universal obrigatoriedade da adoração do domingo figurará tão largamente na luta final pela supremacia.

Na adoração do sol, o sol é tornado o grande centro à volta do qual rodam os doze sinais do Zodíaco cada um dos quais ocupando trinta graus do círculo. O sol mais os doze sinais do Zodíaco forma um total de treze, que é um número de grande significado, tal como veremos.

Cada uma das doze divisões estava ainda dividida em três “decanos” cada qual ocupando dez graus do círculo, fazendo um total de trinta e seis progressões no conjunto.

Os componentes deste número são chamados, “Um, Dois, Três, Quatro, e assim sucessivamente até Trinta e seis. Se a cada um destes números forem adicionados os números que os antecedem, verificaremos que 6, 66, e 666 estão incluídos na religião do sol. Verificai por vós mesmos somando  $1 + 2 + 3 = 6 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 + 11 = 66$  e a seguir até alcançardes  $+ 35 + 36 = 666$ .

Assim, precisamente na religião da adoração do sol que em breve levará todo o mundo cativo, está uma ilustração formando o número 666, a marca daqueles que, no fim do tempo, escolherão a escravidão eterna a ser servida sob o último senhor de todos — a morte.

Voltaremos agora os nossos pensamentos para esse outro número — treze!

Pelo mundo ele é conhecido como o número “da pouca sorte”, “do azar”, ou o “número do diabo”. Muitos hotéis não têm um andar ou quartos com esse número, nem companhias aéreas, assentos. Se um jogador de críquete num encontro alcançar um resultado numa jogada de oitenta e sete que é treze abaixo de cem, fica muito apreensivo, porque receia que a sua sorte se volte contra si. Normalmente fica imensamente aliviado quando passa o resultado sem ser desqualificado.

Assim, treze é um número com uma má reputação quando é de facto um dos números mais maravilhosos em toda a Bíblia. Tanto no tipo como no antítipo, este é um número que designa a estrutura do reino de Deus. Portanto, é o número simbólico da ordem evangélica. Não admira então que o inimigo de Deus e dos homens tenha carregado esse número com infâmia.

Olhemos agora para os exemplos onde este número significa a estrutura do reino de Deus.

Havia doze filhos de Jacó cada um dos quais se tornou, à medida que se multiplicava, uma das doze tribos de Israel. Houve uma excepção a isto, nomeadamente José, a quem foi atribuído duas tribos identificadas pelo nome dos seus filhos, Efraim e Manassés. Isto fazia um total de treze tribos — Ruben, Simeão, Judá, Issacar, Zebulom, Efraim, Manassés, Benjamim, Dã, Aser, Gade, Naftali, e Levi. Doze eram tribos numeradas, enquanto Levi, a décima terceira tribo não era numerada com as restantes, como está escrito:

“Estes são os que foram contados dos filhos de Israel, segundo a casa de seus pais: todos os que foram contados dos exércitos pelos seus esquadrões foram seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta.

“Mas os levitas não foram contados entre os filhos de Israel, como Senhor ordenara a Moisés.” *Números* 2:32, 33.

No altamente significativo estabelecimento da ordem no acampamento, aos levitas foi ordenado que colocassem as suas tendas imediatamente à volta do tabernáculo. Então, fora da área ocupada pelos levitas, acampava o restante à volta dos levitas e do tabernáculo. Judá, Issacar, e Zebulom, acampavam do lado Este; Rúben, Simeão, e Gade ao Sul; Efraim, Manassés, e Benjamim ao Oeste; e Dã, Aser, e Naftali ao Norte. Esta informação está contida em *Números* 2.

No Novo Testamento, uma vez que a morte do Cordeiro de Deus tinha substituído o sacrifício do cordeiro típico, o típico sacerdócio levítico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antitípico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antitípico desse ministério. Portanto, devemos esperar que o número treze esteja presente no Novo Testamento tão certamente como no Antigo Testamento.

Por isso, verificamos que Cristo é a figura central rodeada pelos doze discípulos, que mais uma vez formam um total de treze.

Uma vez que Ele regressou ao Céu a fim de tomar os deveres desse “misericordioso e fiel Sumo Sacerdote”, partilha com Seu Pai, o trono do Omnipotente. Nós esperaríamos, portanto, que cada um deles fosse rodeado por doze seres ou grupos de seres que estão nas pessoas dos vinte e quatro anciãos. Aqui está o esquema como ele foi revelado a João:

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu e um assentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardónica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.” *Apocalipse* 4:2-4.

Os vinte e quatro anciãos mais o Pai e o Filho é vinte e seis que é o dobro de treze. Como deve ser esperado, o maravilhoso número treze estará tão firmemente estabelecido na Terra renovada como jamais esteve na antiga. Assim, lemos que existirão doze portas na cidade santa, em cada uma das quais estará inscrito o nome de uma das tribos de Israel, enquanto em cada um dos fundamentos estará escrito o nome de um dos apóstolos de Cristo. Isto não significa que o nome de Judas aparecerá ali, pelo contrário, em seu lugar o de Paulo a quem o seu lugar foi dado.

“E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

“Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas.

“E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do cordeiro.” *Apocalipse* 21:12-14.

Dentro da cidade estarão o Pai e o Filho que, com os apóstolos e as doze tribos, somam vinte e seis, outro dobro de treze, exactamente no tempo em que a ordem dos sacerdotes e reis de Melquisedeque estarão total e eternamente em operação.

Ora, é absolutamente seguro e certo que, se a estrutura do sistema antitípico da ordem de Melquisedeque envolve o número treze, então assim acontece no típico. Houve apenas um período do qual o tipo podia ser tirado, mas esse não podia ter sido durante os dias dos filhos de Israel em que não havia reis sacerdotes. Desde o tempo em que os levitas foram indicados para o sacerdócio no incidente do bezerro de ouro, até ao fim do sistema levítico na cruz do Calvário, os reis vieram de Judá e os sacerdotes de Levi. Este não era um sistema que simbolizava Melquisedeque em que os ofícios de sacerdote e rei estavam investidos numa só pessoa.

Para encontrar o sistema típico que realmente representa a ordem de Melquisedeque, temos apenas que localizar essa era durante a qual os sacerdotes eram reis, e os reis sacerdotes. O único intervalo assim foi entre Adão e Jacó, doutro modo conhecido como o período patriarcal. Mas, não só cada um destes homens tinham que ser reis e sacerdotes numa pessoa a fim de representar a ordem de Melquisedeque, tinha também que haver treze deles. Mais ainda, como no sistema antitípico a figura central ou principal é Melquisedeque, assim no sistema típico a figura central tem que ser o Melquisedeque típico.

Entre Adão e Jacó, houve com certeza mais de doze gerações. Houve de facto vinte e duas, mas também deve ser recordado que para ser rei, uma pessoa tinha sobreviver ao seu pai, e dos vinte e dois, foram exactamente treze os que o fizeram. Foram Adão, Sete, Enos, Queina, Cainan, Maalalel, Jared, Enoque, Metusalém, Noé, Sem, Eber, Isaque, e Jacó.

Enoque evidentemente não sobreviveu ao seu pai enquanto esteve na Terra, mas fê-lo sendo trasladado.

Ora, o centro de treze é sete. Os seis números 1-6 precedem o 7 e os seis números, 8-13 vêm depois de 7. Portanto, o sétimo rei e sacerdote depois de Adão fornecia o tipo de Melquisedeque e havia apenas um que o podia fazer. Enoque enquanto homem.

Foi assim que Enoque, “o sétimo depois de Adão”, *Judas* 14, foi para o Céu, recebeu o seu novo nome, “Melquisedeque”, e de imediato começou a sua obra como “rei de Salém, sacerdote do Altíssimo Deus”. Nesse ofício, ele começou a proclamação da graça infinita do Pai eterno cuja glória é perdoar e restaurar. No decurso deste ministério, ele regressou a esta Terra por um período de serviço, pelo qual mostrou como só ele podia, o glorioso futuro que espera os remidos.

## FIM